

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS**

**DIREÇÃO DE ARTE**  
***PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO***

**GOIÂNIA, 2015-2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

**REITOR**

ORLANDO AFONSO VALLE DO AMARAL

**VICE-REITOR**

MANOEL RODRIGUES CHAVES

**PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO**

LUIZ MELLO DE ALMEIDA NETO

**ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS**

**DIRETORA**

ANA GUIOMAR REGO SOUZA

**VICE-DIRETOR**

SAULO GERMANO SALES DALLAGO

**COORDENADOR DO CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE**

ALEXANDRE SILVA NUNES

**COMISSÃO PARA REELABORAÇÃO DO PPC  
NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE DIREÇÃO DE  
ARTE**

**MEMBROS DO NDE NO PERÍODO**

ALEXANDRE SILVA NUNES

FRANCISCO GUILHERME DE OLIVEIRA JUNIOR

MATEUS BERTONE DA SILVA

ROSILANDES CÂNDIDA MARTINS

SAULO GERMANO SALES DALLAGO

WALQUÍRIA PEREIRA BATISTA

**DOCENTES CONVIDADOS**

KÁRITA GARCIA DE SOUSA

BENEDITO FERREIRA DOS SANTOS NETO

## SUMÁRIO

<b>I. Apresentação do Projeto</b>	<b>4</b>
a) Área de conhecimento	4
b) Modalidade	4
c) Grau acadêmico	4
d) Título	4
e) Curso	4
f) Habilitação	4
g) Carga horária do curso	4
h) Unidade responsável	4
i) Turno de funcionamento	4
j) Funcionamento do curso	4
l) Número de vagas	4
m) Duração do curso	4
n) Forma de ingresso no curso	4
<b>II. Exposição de Motivos</b>	<b>5</b>
<b>III. Objetivos Gerais e Específicos</b>	<b>8</b>
<b>IV. Princípios Norteadores da Formação Profissional</b>	<b>9</b>
a) A prática profissional	9
b) A formação técnica	9
c) A formação ética e a função social do profissional	10
d) Interdisciplinaridade	11
e) Articulação teoria-prática	11
<b>V. Expectativa da Formação Profissional</b>	<b>13</b>
a) Perfil do curso	13
b) Perfil do egresso	13
c) Habilidades do egresso	13
<b>VI. Estrutura Curricular</b>	<b>14</b>
a) Matriz curricular	15
b) Quadro com carga horária	17
c) Disciplinas, ementas e bibliografia	18
d) Sugestão de fluxo curricular	42
e) Representação gráfica da sugestão de fluxo curricular	44
f) Prática como componente curricular	45
g) Atividades complementares	45
<b>VII. Política e Gestão de Estágio</b>	<b>47</b>
<b>VIII. Trabalho de Conclusão de Curso</b>	<b>48</b>
<b>IX. Integração Ensino, Pesquisa e Extensão</b>	<b>50</b>
<b>X. Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem</b>	<b>52</b>
<b>XI. Sistema de Avaliação do Projeto Pedagógico de Curso</b>	<b>53</b>
<b>XII. Política de Qualificação Docente e Técnico-Administrativa da Unidade Acadêmica</b>	<b>54</b>
<b>XIII. Requisitos Legais e Normativos</b>	<b>55</b>
<b>XIV. Quadro de Equivalências</b>	<b>56</b>
<b>XV. Referências</b>	<b>58</b>

**DO PROJETO**

**a) Áreas de Conhecimento:**

80305008 – Teatro

80305032 – Cenografia

80309003 – Artes do Vídeo

**b) Modalidade:** Presencial

**c) Grau acadêmico:** Bacharelado

**d) Título a ser conferido:** Bacharel em Direção de Arte

**e) Curso:** Direção de Arte

**f) Habilitação:** Não há habilitações

**g) Carga Horária do Curso:** 2.696 horas (duas mil seiscentos e noventa e seis horas)

**h) Unidade responsável pelo curso:** Escola de Música e Artes Cênicas

**i) Turno de Funcionamento:** Predominantemente vespertino

**j) Funcionamento do curso (para EAD):** Não se aplica

**l) Número de Vagas:** 30 (trinta)

**m) Duração do curso em semestres:** mínima de 08 e máxima de 12 semestres

**n) Forma de ingresso no Curso**

Processo Seletivo; Transferência de Curso; Transferência de Unidade; Transferência de Universidade; Portador de Diploma. Em todos os casos e obrigatoriamente, o estudante iniciará o curso no primeiro período letivo, conforme sugestão de fluxo curricular integrante deste Projeto Pedagógico.

---

## **II. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS**

A área de conhecimento das artes é profundamente marcada por formas de expressão híbridas, que desafiam nossos esforços de classificação. Especialmente após o modernismo, essa característica multi/transdisciplinar veio a ser cada vez mais exacerbada, originando novas formas de expressão artística, que passaram a ser categorizadas como artes de fronteira, passíveis de classificação em mais de um campo de expressão ou modalidade artística, como é o caso da arte da performance.

Neste contexto multi/transdisciplinar, o teatro se caracteriza como uma das artes mais híbridas, podendo fazer uso de elementos das mais diversas linguagens: literatura (dramaturgia, roteiro), música (sonoplastia, trilha sonora), arte visual (cenografia, figurino, iluminação, maquiagem e caracterização), dança, circo e audiovisual. Isso sem considerar as afinidades que o teatro apresenta, em suas origens e essência constituinte com a filosofia, bem como as implicações de ordem psicológica, educativa, social, que a sua prática demanda.

O ensino de teatro nas universidades brasileiras é ainda recente, contando com cerca de meio século, tendo sido a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) as primeiras a estruturarem graduações de nível superior nesta área. Antes disso, o teatro constituía somente um pequeno ramo de pesquisa abrigado nos departamentos de letras ou de educação, que forçosamente se limitavam apenas a estudos nos campos da educação artística, literatura dramática e suas derivações.

Dada a diversidade de especificidades profissionais que o teatro comporta, a formação superior nesta área necessitaria, para ocorrer de forma plena, de uma gama diversa de habilitações. Atentos a esta realidade, os idealizadores de alguns dos mais antigos cursos superiores de artes cênicas estabeleceram habilitações específicas nas áreas de direção, interpretação, teoria, cenografia e figurino. O modelo dos cursos universitários nas demais universidades brasileiras, entretanto, passou a se concentrar comumente na habilitação em interpretação e, em alguns casos, também na de direção teatral, incluindo as disciplinas de teoria e de visualidades cênicas (cenografia, iluminação, figurino, maquiagem) como componentes curriculares de seus projetos pedagógicos.

Com a queda do modelo de distinção entre habilitações, nos cursos superiores, as graduações em teatro e artes cênicas passaram a se concentrar cada vez mais nas áreas de interpretação e encenação teatral, dedicando cada vez menos atenção à formação na área de visualidades, geralmente voltadas para os aspectos plásticos do

espetáculo. Deste modo, o modelo que passou a ser mais amplamente difundido nas universidades brasileiras foi o dos cursos de teatro, e/ou artes cênicas, divididos especialmente em duas modalidades simples: a licenciatura e o bacharelado, este último comumente focado na interpretação teatral.

Atualmente, a realidade das instituições de ensino superior mais tradicionais no campo da graduação em teatro e/ou artes cênicas é a seguinte: A Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia - UFBA, possui 02 (dois) cursos de graduação: Licenciatura e Bacharelado, este último contando com duas habilitações: 1) Direção Teatral e 2) Interpretação Teatral. Guardando denominações antigas e mantendo o modelo das diversas habilitações, a Escola de Comunicações e Artes - ECA, da Universidade de São Paulo - USP, possui um curso de Bacharelado em Artes Cênicas com 04 (quatro) habilitações: 1) Cenografia, 2) Direção Teatral, 3) Interpretação Teatral e 4) Teoria do Teatro; além de uma habilitação em Artes Cênicas, no curso de Licenciatura em Educação Artística. Já a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO oferece 04 (quatro) cursos de graduação independentes, sendo 03 (três) bacharelados e uma licenciatura: 1) Cenografia - Bacharelado, 2) Interpretação - Bacharelado, 3) Licenciatura em Teatro, 4) Teoria do Teatro - Bacharelado.

O perfil das instituições com cursos mais recentes, entretanto, é amplamente diverso: a Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP possui apenas um Bacharelado em Artes Cênicas, assim como a Universidade Estadual de Londrina/ UEL. A capital federal atualmente possui dois cursos diversos, um de licenciatura e outro de bacharelado, também em Artes Cênicas. A Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC oferece um único curso com dupla formação em licenciatura e bacharelado em teatro, no qual estão incluídas ainda disciplinas voltadas para tópicos em dança. A Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG oferece um único curso de Teatro, com duas modalidades: Licenciatura e Bacharelado em Interpretação Teatral. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, possui um único curso de Licenciatura em Teatro, assim como a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, neste caso, um dos cursos mais antigos do país que, até pouco tempo atrás, ainda guardava a antiga denominação de Educação Artística, com duas habilitações: artes plásticas e artes cênicas.

Como fica fácil perceber, a formação em habilitações muito específicas se torna praticamente inviável na maior parte das regiões do país, com exceção para aquelas cidades que se caracterizam como polo de referência histórica no campo das artes cênicas, ou aquelas cujos cursos já se solidificaram. Em consequência disso, os demais cursos na área, mesmo quando buscam dialogar com as metamorfoses da arte contemporânea, mantêm como foco prioritário de suas formações o aspecto humano da ação mimético/perfomática do ator em relação com o espectador. Neste panorama, pensar a criação de cursos de graduação específicos para a cenografia, a

iluminação cênica, o figurino e/ou as formas animadas, no Centro-Oeste brasileiro, poderia não abranger adequadamente a demanda local.

A proposta de criação do curso de Direção de Arte que aqui apresentamos, entretanto, leva em consideração o panorama contemporâneo das artes, assim como a realidade específica do campo das artes da cena, bem como os paradigmas atuais da formação universitária. Compreendemos a necessidade atual de cursos de teatro mais amplos, opção que a maioria das universidades do país tem feito, com base na legislação vigente. Por outro lado, consideramos importante apontar a lacuna, no campo da plástica da cena, que essa opção vem gerando. O presente curso se fundamenta na necessidade de uma formação específica para a grande área das visualidades da cena, estabelecendo relação direta com a atual formação em teatro e dança que a UFG já oferece, visando não o estudo da relação ator-espectador, seja por via da interpretação, seja por via da encenação, mas os aspectos plástico-visuais, concernentes ao campo das *artes da cena*: cenografia, iluminação, figurino, maquiagem, objetos e adereços.

A especificidade do fenômeno cênico, enquanto campo de conhecimento próprio na área das artes veio a se consolidar apenas com o nascimento do teatro moderno, sob forte influência do advento do encenador e, com ele, o fortalecimento das poéticas relacionadas ao espaço-tempo da cena, em sua concretude plástico-visual. Deste modo, podemos compreender que o desenvolvimento da Direção de Arte no campo das artes da cena começa a ser formatado antes ainda do surgimento do cinema, juntamente com o advento do encenador, impulsionando a consolidação da especificidade conceitual do fenômeno cênico. Deste modo, e apesar da denominação “direção de arte” ter se originado no contexto cinematográfico, seus fundamentos relacionam-se inevitavelmente ao renascimento do teatro na modernidade, entrelaçando o campo do audiovisual ao das artes da cena, de modo que não se pode pensar a Direção de Arte apenas do ponto de vista plástico-visual, senão como um entrelaçamento deste com as poéticas da cena, consolidando a especificidade própria de sua linguagem. A criação do curso de Direção de Arte atende, portanto, a uma demanda contemporânea, colaborando para situar a Universidade Federal de Goiás entre as mais avançadas instituições de ensino superior do país.

### **III. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

#### **a) Geral**

. Formar profissionais, em nível de graduação, com competência para atuação no campo da direção de arte, em sua amplitude relativa à caracterização de personagens e espaço da cena, frente às necessidades da sociedade contemporânea e considerando a singularidade própria das visualidades da cena, sua abrangência e transdisciplinaridade.

#### **b) Específicos**

. Formar profissionais voltados para a investigação do contexto da direção de arte em sua complexidade, no campo das artes da cena, nos âmbitos da reflexão e prática artística, de modo a favorecer o desenvolvimento de concepções que correspondam aos desafios desta arte na contemporaneidade;

. Orientar escolhas e decisões profissionais de acordo com princípios éticos, humanistas, em favor da superação de preconceitos e pela aceitação da diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira;

. Propiciar a formação de profissionais comprometidos com os processos de formação contínua, atualizando conhecimentos, de acordo com o desenvolvimento da sociedade;

. Fornecer subsídios para que o estudante obtenha compreensão do contexto social no qual o trabalho de direção de arte se situa, seja quando vinculado a instituições formais, seja quando através de projetos artísticos independentes, de modo a poder assumir uma postura crítica e responsável pela transformação dessa realidade, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de interação entre arte e sociedade.



#### **IV. PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL**

##### **a) A prática profissional**

A prática profissional do Diretor de Arte formado pela Universidade Federal de Goiás se baseará no trabalho relacionado ao campo das visualidades nas artes da cena. A expressão *artes da cena* é ampla, abrangendo muitas formas de expressão do campo cênico-espetacular, bem como suas interfaces com o audiovisual. No contexto deste projeto pedagógico, a direção de arte é, por outro lado, pensada como campo autônomo, ainda que tome o teatro como arte de referência, em seus diversos gêneros, formas de expressão e imbricações contemporâneas, e o audiovisual como campo extensivo de atuação.

Neste contexto, entende-se por VISUALIDADES CÊNICAS o *corpus* de elementos plástico-visuais que participam de um dado fenômeno cênico, atuando em seus significados, através de suas relações intrínsecas e inseparáveis com os elementos dramáticos, corporais, performativos e sonoros que compõem a totalidade do fenômeno. Os componentes, por excelência, que estão no cerne das visualidades cênicas são considerados como inseparáveis, por definição, ou seja, componentes de uma única e complexa visão de direção. Eles dizem respeito ao que tradicionalmente denomina-se pelos seguintes termos: cenografia, figurino, maquiagem, adereços, maquiagem, penteados e postigos, iluminação, projeção e efeitos. De modo esquemático, pode-se dividir esses elementos em dois grandes grupos, cujas fronteiras são igualmente permeáveis: 1) *construção do espaço cênico*; 2) *caracterização do ator*.

Ao mesmo tempo em que o espetáculo, entendido como manifestação artística, constitui um campo de conhecimento que também se articula à sociologia, à antropologia e à filosofia, o diretor de arte, tomando a atividade artística naquilo que ela possui de específico, trabalha como *propositor e supervisor de agentes, processos e recursos capazes de preservar a unidade estética espetacular e/ou performativa de uma determinada obra*.

##### **b) Formação técnica**

O curso de Direção de Arte estrutura uma ampla formação, em suas múltiplas disciplinas, que funcionam de modo complementar e interconectado entre si. Deste modo, a formação técnica contempla o campo das poéticas, técnicas e tecnologias visuais no contexto das artes da cena, de modo entrelaçado, abrangendo conteúdos ligados às linguagens bidimensionais e tridimensionais, em seu espectro tanto criativo

quanto reflexivo, e sempre em conformidade com as demandas inerentes ao campo das visualidades da cena.

No que se refere ao contexto integral das artes da cena, a formação compreende ainda conhecimentos básicos relativos aos fundamentos teóricos e históricos da linguagem teatral, em seus múltiplos aspectos e elementos constitutivos (atuação, dramaturgia, direção e recepção), mas sempre articulados às demandas intrínsecas do curso: a direção de arte como campo específico e autônomo, capaz de conjugar e operacionalizar uma concepção de visualidade/plástica cênica (cenografia, figurino, maquiagem, adereços, maquiagem, penteados e postigos, iluminação, projeção e efeitos), capacitando o aluno tanto em conhecimentos de mediação (domínio de linguagem visual básica bi e tridimensional e de representação gráfica técnica manual e digital) quanto englobando aspectos específicos do fazer profissional (relativos à concepção e projeção, às poéticas, técnicas e tecnologias necessárias à execução).

### **c) A formação ética e a função social do profissional**

Neste projeto pedagógico, compreendemos a ética não como um princípio ou disciplina independente, mas como uma dimensão co-atuante inerente a todas as práticas, atividades e formas de organização humana. Deste ponto de vista, a ética não constitui uma coisa em si, mas o modo próprio como determinadas coisas atuam em nós ou através de nós. Neste sentido, mantemos a posição segundo a qual ética e estética só podem ser compreendidas em sua interdependência, de modo que a dimensão social da arte e do artista descobre-se como algo inerente e vital.

A realidade da sociedade contemporânea é de tal forma diversa que se torna difícil categorizá-la de modo uno. Vivemos numa época de abundância tecnológica e mercadológica, de incríveis progressos científicos; época caracterizada por formas das mais diversas de culto à estética. Este culto estético, entretanto, nem sempre se revela possuidor de uma ética coerente com a convivência entre diversidades e o respeito às diferenças. Muito pelo contrário, o culto contemporâneo à beleza costuma priorizar determinados padrões, gerando conflitos pessoais e sociais que, quase sempre, relacionam-se com problemas de autoestima e, direta ou indiretamente, com o campo da criminalidade, como o preconceito e a intolerância.

O culto contemporâneo à beleza também está relacionado ao culto dos prazeres fáceis, de modo que as formas mais complexas de conhecimento, autoconhecimento, prazer e beleza costumam se deparar com formas diversas de rejeição. A função social do Diretor de Arte relaciona-se, portanto, diretamente com todas estas problemáticas. Enquanto profissional formado numa instituição pública de

nível superior, espera-se dele uma forma de atuação comprometida com o desenvolvimento ético-sustentável, e não apenas com as garantias de lucro.

Também na perspectiva de um compromisso ético, no que se refere à exploração de técnicas e materiais, está incluída a preocupação com meios capazes de reduzir o impacto ambiental, priorizando-se a pesquisa permanente por matérias primas renováveis, de origem orgânica, recicladas e/ou reaproveitadas. No que se refere ao tema, é importante observar que este compromisso sustentável foi imperativo no próprio processo de concepção, projeção e construção dos laboratórios que abrigam o curso na UFG, havendo consideração arquitetônica criteriosa das formas de realizar o melhor aproveitamento dos recursos naturais, em termos de ventilação e luminosidade, com vistas à redução do impacto ambiental.

Compreende-se, portanto, que a formação do Diretor de Arte deve incluir uma dimensão crítica e comprometida com a construção de uma justiça social, na qual ocorra valoração das faculdades estéticas humanas, em suas formas mais elaboradas e capazes das melhores consequências éticas, inerentes às práticas artísticas. Pensando em atender a estas demandas, todas as disciplinas do curso foram pensadas de acordo com objetivos éticos de atuação profissional e comprometimento social.

#### **d) Interdisciplinaridade**

O curso de Direção de Arte que ora apresentamos está concebido, *a priori* e por definição, como um campo de articulação de conhecimentos variados, originários das mais diversas disciplinas, de modo integrado e complementar, com vistas à consecução dos objetivos previstos na profissão do Diretor de Arte com atuação nas artes da cena. A interdisciplinaridade mais evidente diz respeito à integração entre as artes da cena, as artes visuais, a arquitetura e o design, desde que os princípios norteadores da prática profissional do curso se definem pelo trabalho no âmbito das visualidades cênicas, conforme definição anterior.

Por outro lado, esse trabalho com as visualidades cênicas está intrinsecamente relacionado e é, conforme abordado anteriormente, inseparável do contexto integral da cena. Esta característica do curso requer uma formação capaz de transcender as fronteiras habituais entre as disciplinas, garantindo diálogo contínuo com diversos campos de conhecimento. A área da literatura, neste sentido, surge como um campo interdisciplinar indireto, desde que a leitura de textos dramáticos, roteiros, partituras coreográficas ou projetos de espetáculo vêm a constituir-se como necessidade premente para o profissional da área. Por outro lado, aspectos ligados à história, à sociologia e à política relacionam-se também com a formação do Diretor de Arte. Por esta razão, estão previstas no curso disciplinas que se relacionam direta e indiretamente com os campos de estudo acima mencionados, conforme a relação mais

ou menos direta que a formação do Diretor de Arte implica com estes campos do conhecimento.

Por outro lado, as possibilidades de atuação do Diretor de Arte nas artes da cena, conforme relação de campos de atuação anteriormente apresentada, podem ser tão amplas que viria a se tornar impossível conceber uma formação universitária capaz de abordar integralmente todas estas possibilidades, em suas diversas especificidades. Por esta razão, o curso prevê a realização de disciplinas optativas, através das quais o estudante pode fazer escolhas em relação à sua própria formação, de acordo com o perfil de atuação profissional que almeje desenvolver na sociedade. Deste modo, o uso do recurso das disciplinas optativas vem a atender uma demanda interdisciplinar, específica da formação em Direção de Arte, e que não poderia ser suficientemente atendida apenas pelas disciplinas de núcleo livre, previstas no Regimento Geral dos Cursos de Graduação da UFG.

#### **e) Articulação teoria-prática**

O curso de Direção de Arte, da Universidade Federal de Goiás, está estruturado de modo a buscar superar todo e qualquer dualismo entre as perspectivas teóricas e práticas do conhecimento profissionalizante de nível superior. Para garantir isso, de imediato, foi articulada uma carga horária que equilibra adequadamente o âmbito reflexivo (teórico) e o âmbito da experimentação prática. Enquanto curso de formação no campo das artes, ele está organizado de tal forma que o contato direto com a experiência concreta do fazer está previsto desde o início e acompanha o estudante até o final de sua graduação. Além disso, busca-se transcender as fronteiras entre a dimensão teórica e a dimensão prática, a partir do momento em que as disciplinas voltadas para o fazer incluem igualmente formas reflexivas de pesquisa e avaliação dos resultados. Por outro lado, este projeto pedagógico toma como princípio a noção de que toda pesquisa teórica possui fundamentos concretos, em sua origem, ou aponta para experiências reais em suas finalidades. Tais experiências necessitam participar continuamente como horizontes imediatos, nos estudos teóricos, articulando-se com as práticas laboratoriais, mas também se fundamentando em experiências acumuladas pelos profissionais e pesquisadores da área no decurso histórico.

**PROFISSIONAL**

**a) Perfil do curso**

O curso Direção de Arte, da Universidade Federal de Goiás, situa-se no campo das Artes da Cena, enfocando a área das visualidades e plásticas da cena, em contextos presenciais (espetaculares) e mediados (audiovisuais). Ainda que o curso se relacione diretamente com outras formas de arte, dada a característica interdisciplinar que os estudos da cena congregam, sua área de enquadramento não se altera, já que toda interdisciplinaridade aqui observada age conforme a lógica cênica. O curso toma o Teatro como campo de referência de seus estudos, por compreendê-lo como área basilar de formação, a partir da qual é possível estender os usos e aplicações de seus conhecimentos para outras formas cênicas, como a dança, a ópera, a música e o audiovisual.

**b) Perfil do egresso**

O egresso do Curso de Direção de Arte – Bacharelado será chamado de *Diretor de Arte*, atividade cadastrada sob o número 2623-30 da Classificação Brasileira de Ocupações, sendo um profissional que atuará na concepção e execução (ou acompanhamento) dos componentes das visualidades e plásticas cênicas, a saber: cenografia e espaço teatral; iluminação, projeções e efeitos cênicos; figurinos e adereços cênicos; maquiagem, cabelos e postigos cênicos; possuindo, logo, conhecimentos que integram as artes da cena ao estudo das linguagens visuais bi e tridimensionais, de teoria e história do teatro e das artes visuais, bem como conhecimentos básicos de poéticas, técnicas e tecnologias implicados na execução das referidas concepções.

**c) Habilidades do egresso**

O Diretor de Arte deverá possuir habilidades para:

- . Ler, interpretar e conceber elementos cênicos de caráter plásticos-visual, a partir de dramaturgias e roteiros de caráter cênico, conforme a proposta geral da obra, orientada pela concepção de direção;
- . Estabelecer unidade conceitual e estética da proposta de visualidade cênica;
- . Analisar textos teatrais, roteiros ou propostas cênicas, considerando seu contexto histórico e estrutura dramática e/ou performativa;

. Elaborar projetos de cenografia e espaço teatral, iluminação, projeções e efeitos cênicos; figurinos e adereços; maquiagem, cabelos e postigos cênicos e formas animadas, conforme a necessidade específica da obra em questão;

. Conhecer, pesquisar e trabalhar com as características e qualidades plásticas dos materiais relativos à construção das visualidades e plásticas da obra;

. Dirigir e acompanhar a execução dos projetos de visualidade e plástica cênica pela equipe de profissionais, quando for o caso.

## **VI. ESTRUTURA CURRICULAR**

A matriz curricular do curso Direção de Arte oferece 1.200h de disciplinas do *Núcleo Comum*, 1.168h do *Núcleo Específico*, sendo que 976h são *Obrigatórias* e 192h *Optativas*. A carga horária destinada ao *Núcleo Livre* deve perfazer no mínimo 128h. Totaliza-se, assim, 2.496h de carga horária realizada em disciplinas. Para integralizar o Curso, este Projeto Pedagógico ainda prevê que o aluno realize 200h de *Atividades Complementares*, perfazendo, assim, uma carga horária total de 2.696h.

Quando necessário, o curso poderá oferecer, no máximo, 20% de sua carga horária total em atividades não presenciais, como previsto no artigo 47 do RGCG (resolução CEPEC 1122/2012). Cabe à coordenação, em concordância com o NDE, normatizar, supervisionar e avaliar a aplicação adequada dessas atividades, visando ao atendimento da carga horária parcial, em todas as disciplinas, ou total, optando-se por apenas uma parte delas para ser desenvolvida neste âmbito.

Nas disciplinas em que houver opção pelo recurso não presencial, o professor por elas responsável deverá incluir e descrever, no respectivo Plano de Ensino, os métodos e práticas de ensino-aprendizagem adotados. Neste caso, será necessário indicar, quando for o caso, como e quando se fará uso integrado de tecnologias da informação e comunicação, e de ambientes virtuais de aprendizagem institucional, para a realização de seus objetivos pedagógicos. No caso de ofertas de disciplina em caráter semipresencial, o plano de ensino também deve prever encontros presenciais e atividades de tutoria, com professor orientador em nível de graduação. Caso o professor decida pelo uso de recursos não presenciais durante o curso da disciplina, a escolha deverá ser antes apresentada aos alunos e à coordenação de curso, para aprovação.





**a) Matriz curricular**

<b>b) MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE - BACHARELADO</b>								
<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>CH Semest. Teo./Prát.</b>		<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
<b>TEORIA E HISTÓRIA</b>			<b>T</b>	<b>P</b>				
1. Cultura e Sociedade	FCS	-	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
2. Introdução à Direção de Arte	EMAC	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
3. Análise do Texto Dramático	EMAC	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
4. História e Teoria do Teatro I	EMAC	-	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
5. História e Teoria do Teatro II	EMAC	-	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
6. História e Teoria do Teatro III	EMAC	História e Teoria do Teatro II	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
7. História e Teoria do Teatro IV	EMAC	História e Teoria do Teatro III	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
8. Teatro Brasileiro	EMAC	-	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
9. Teatro Goiano	EMAC	-	64	00	64	Comum	Obrigatória	1
10. História e Teoria da Arte I	FAV	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
11. História e Teoria da Arte II	FAV	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
12. História e Teoria da Dança	FEFD	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
13. Políticas, Legislação e Projetos Culturais	EMAC	-	48	00	48	Comum	Obrigatória	1
<b>REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>T</b>	<b>P</b>	<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>

**b) MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE - BACHARELADO**

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>CH Semest. Teo./Prát.</b>		<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
14. Princípios da Linguagem Visual	FIC	-	24	24	48	Comum	Obrigatória	2
15. Desenho I	EMAC	-	16	32	48	Comum	Obrigatória	2
16. Desenho II	EMAC	-	16	32	48	Comum	Obrigatória	2
17. Desenho III	EMAC	-	16	32	48	Comum	Obrigatória	2
18. Plástica	EMAC	-	16	48	64	Comum	Obrigatória	2
19. Materiais e Meios Bidimensionais	EMAC	-	16	48	64	Comum	Obrigatória	2
20. Materiais e Meios Tridimensionais	EMAC	-	16	48	64	Comum	Obrigatória	2
21. Representação Gráfica I	EMAC	-	16	48	64	Comum	Obrigatória	2
22. Representação Gráfica II	EMAC	Representação Gráfica I	16	48	64	Comum	Obrigatória	2
<b>CONCEPÇÃO E PROJETO</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>T</b>	<b>P</b>	<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
23. Introdução à Construção do Espaço Cênico	EMAC	-	32	16	48	Específico	Obrigatória	1
24. Introdução à Caracterização do Ator	EMAC	-	32	16	48	Específico	Obrigatória	1
25. Cenografia e Espaço Teatral I	EMAC	Introdução à Construção do Espaço Cênico Desenho II	16	48	64	Específico	Obrigatória	2
26. Cenografia e Espaço Teatral II	EMAC	Cenografia e Espaço Teatral I Representação Gráfica I	16	32	48	Específico	Obrigatória	2
27. Iluminação, Projeções e Efeitos I	EMAC	Introdução à Construção do Espaço Cênico Representação Gráfica I	16	48	64	Específico	Obrigatória	2

<b>b) MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE - BACHARELADO</b>								
<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>CH Semest. Teo./Prát.</b>		<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
28. Iluminação, Projeções e Efeitos II	EMAC	Iluminação, Projeções e Efeitos I	16	32	48	Específico	Obrigatória	2
29. Figurinos e Adereços I	EMAC	Introdução à Caracterização do Ator Desenho III	16	48	64	Específico	Obrigatória	2
30. Figurinos e Adereços II	EMAC	Figurinos e Adereços I	16	32	48	Específico	Obrigatória	2
31. Maquiagem, Cabelos e Postiços I	EMAC	Introdução à Caracterização do Ator	16	48	64	Específico	Obrigatória	2
32. Maquiagem, Cabelos e Postiços II	EMAC	Maquiagem, Cabelos e Postiços I	16	32	48	Específico	Obrigatória	2
33. Oficina de Teatro de Máscaras	EMAC	-	16	32	48	Específico	Obrigatória	2
34. Oficina de Teatro de Formas Animadas	EMAC	-	16	48	64	Específico	Obrigatória	2
<b>PESQUISA E TCC</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO e/ou CO-REQUISITO (CR)</b>	<b>T</b>	<b>P</b>	<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
35. Fundamentos e Métodos de Pesquisa Acadêmica em Artes	EMAC	-	32	00	32	Comum	Obrigatória	1
36. Fundamentos e Métodos de Pesquisa e Projeto em Direção de Arte	EMAC	Cenografia e Espaço Teatral II	32	32	64	Específico	Obrigatória	2
38. Laboratório de Direção de Arte I	EMAC		32	64	96	Específico	Obrigatória	2
40. Laboratório de Direção de Arte II	EMAC	Laboratório de Direção de Arte I	32	64	96	Específico	Obrigatória	2
37. Trabalho de Conclusão de Curso I	EMAC	Fundamentos e Métodos de Pesquisa e Projeto em Direção de Arte; Iluminação, Projeções e Efeitos II; Figurinos e Adereços II; Maquiagem, Cabelos e Postiços II.	16	16	32	Específico	Obrigatória	2

<b>b) MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE - BACHARELADO</b>								
<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIDADE RESPONS.</b>	<b>PRÉ-REQUISITO</b>	<b>CH Semest. Teo./Prát.</b>		<b>CHT</b>	<b>NÚCLEO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>Nº Turmas*</b>
39. Trabalho de Conclusão de Curso II	EMAC	Trabalho de Conclusão de Curso I; Laboratório de Direção de Arte I.	16	16	32	Específico	Obrigatória	2
<b>OPTATIVAS</b>			<b>T</b>	<b>P</b>				
41. Produção Audiovisual	FIC	-	16	48	64	-	Optativa	1
42. Cenografia no Brasil	EMAC	-	48	16	64	-	Optativa	1
43. Dramaturgia	EMAC	-	48	16	64	-	Optativa	1
44. Encenação Teatral	EMAC	-	16	48	64	-	Optativa	1
45. Introdução à Fotografia	FIC	-	16	48	64	-	Optativa	1
46. Imaginário Étnico Brasileiro	EMAC	-	48	16	64	-	Optativa	1
47. Introdução à Língua Brasileira de Sinais	FL	-	16	48	64	-	Optativa	1
48. Narrativas do Imaginário (Tema Variado)	EMAC	-	48	16	64	-	Optativa	1
49. Trilha Sonora	EMAC	-	16	48	64	-	Optativa	1
50. Música e Cena	EMAC	-	48	16	64	-	Optativa	1
51. Objetos e Adereços	EMAC	-	16	48	64	-	Optativa	1
52. Vídeo Arte	EMAC	-	32	32	64	-	Optativa	1

\* Considerando o número de vagas no vestibular sendo de trinta alunos e o número ideal para realização das disciplinas teórico-práticas desta natureza sendo de 15 alunos, as turmas serão divididas em duas, quando o número de alunos ultrapassar a 20.

#### **b) Quadro com carga horária**

COMPONENTES CURRICULARES	CH	PERCENTUAL
NÚCLEO COMUM (NC)	1200 h	44,51 %
NÚCLEO ESPECÍFICO OBRIGATÓRIA (NEOB)	976 h	36,20 %
NÚCLEO ESPECÍFICO OPTATIVO (NEOP)	192 h	7,12 %

NÚCLEO LIVRE (NL)	128 h	4,74 %
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)	200 h	7,41 %
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL (CHT)</b>	<b>2.696 H</b>	

## **c) Disciplinas, ementas e bibliografia**

### ***I. HISTÓRIA E TEORIA***

#### **1. Cultura e Sociedade** (64h)

##### **Ementa**

Cultura e sociedade: origens, conceitos e interações. Arte e cultura. Modernidade, crise da Modernidade, Pós-Modernidade. Temas e dilemas da cultura e sociedade na Contemporaneidade. Matrizes étnicas da cultura e sociedade brasileira. Tópicos de cultura e sociedade no Brasil contemporâneo.

##### **Bibliografia básica**

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica e O narrador. In: *Walter Benjamin - Obras escolhidas vol. I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- EAGLETON, T. *A idéia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15ª ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.
- HUYSEN, A. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

##### **Bibliografia complementar**

- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. O espírito do tempo I: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- GALLOIS, Dominique T. e CARELLI, Vicent. *Vídeo nas aldeias: a experiência Waiãpi*. In: *Revista Cadernos de Campo*, n. 2, 1992.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- DOMINGUES, D. (org.), *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

#### **2. Introdução à Direção de Arte** (32h)

##### **Ementa**

Os fundamentos da Direção de Arte enquanto campo autônomo de conhecimento e produção artística. Origens da função, dos elementos de composição e da terminologia. Aspectos do nascimento do teatro moderno e do conceito de encenação. Estudo sobre os conceitos e distinções entre direção e direção de arte. A direção de arte em seus diversos contextos.

##### **Bibliografia básica**

- HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC: SESC, 2014.
- NUNES, Alexandre; BORGES, Gilson P. *Entrevista com José Carlos Serroni*. *Revista Arte da Cena*, v. 1, n. 1. Goiânia: UFG, 2014.
- ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às Grandes Teorias do Teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

##### **Bibliografia complementar**

- BORGES, Gilson P. *Entrevista com José de Anchieta (Costa)*. Revista Arte da Cena, v. 2, n. 1. Goiânia: UFG, 2015.
- BUTRUCE, Débora; BOUILLET, Rodrigo. (orgs.). *A Direção de Arte no cinema brasileiro*. 1 ed. Catálogo da mostra A Direção de Arte no Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: Caixa Cultural RJ, 07 a 18 de fevereiro de 2017. Disponível em: [http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo\\_A\\_Direcao\\_de\\_Arte\\_no\\_Cinema\\_Brasileiro.pdf](http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo_A_Direcao_de_Arte_no_Cinema_Brasileiro.pdf)
- GUINSBURG, J.; COELHO NETO, J-T.; CARDOSO, Reni C. (orgs.). *Semiologia do teatro*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro*. 7 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

### **3. Análise do Texto Dramático** (32h)

#### **Ementa**

O teatro como escritura dramática. Gênero dramático – conceito, estrutura e traços estilísticos. Os elementos constitutivos do texto dramático. Os vários níveis de leitura do texto teatral. Análise e interpretação do texto dramático.

#### **Bibliografia básica**

- BALL, David. *Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais*. Trad. de Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PALLOTTINI, Renata. *Introdução à dramaturgia*. São Paulo: Ática, 1988.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Introdução à análise do teatro*. (Col. Leitura e Crítica). Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

#### **Bibliografia complementar**

- CAMARGO, Joracy. Noções de dramaturgia. *Cadernos de teatro* (Rio de Janeiro, 1956). 1995. n. 140. p. 1-2.
- OSCAR, Henrique. *Noções de literatura dramática*. Col. Cadernos de teatro. n. 140. Rio de Janeiro: Publicação D'O Tablado, 1995. p. 8-16.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: a construção do personagem*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PEACOCK, Ronald. *Formas da literatura dramática*. Trad. de Barbara Heliodora. Apres. de Paulo Francis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- PRADO, Décio de A. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 81-101.

### **4. História e Teoria do Teatro I** (64h)

#### **Ementa**

Estudo das origens do teatro. Tragédia e comédia na Grécia antiga. O espetáculo teatral grego. A estética teatral segundo as noções de Aristóteles. O teatro em Roma. Gêneros teatrais romanos. O legado da teoria romana. O teatro medieval: origens e caracterização. O sagrado e o profano na cena medieval. O teatro no contexto do Renascimento: convenções e expoentes.

#### **Bibliografia básica**

- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. Trad. de Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade*. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Unesp, 1997.
- GASSNER, John. *Mestres do teatro I*. Trad. de Alberto Guzik e J. Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

#### **Bibliografia complementar**

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. de Jaime Bruna. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRANDÃO, Junito de S. *Teatro grego* – Tragédia e comédia. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.  
GIMENEZ, José Carlos. Realidade e sonho nas representações dramáticas medievais. *Textos de história*. 2001. v. 9, 1/2. p. 135-150.  
LESKY, Albin. *A tragédia grega*. Trad. de J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

## **5. História e Teoria do Teatro II** (64h)

### **Ementa**

A *commedia dell'arte* e suas constantes dramatúrgicas. O teatro no período elisabetano. Origens e convenções do teatro barroco espanhol. Os princípios do neoclassicismo francês. O teatro no contexto do Iluminismo. O nascimento do drama burguês. A estética romântica. Hugo e o prefácio de *Cromwel*. O drama romântico e o melodrama.

### **Bibliografia básica**

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*: tradução do prefácio de *Cromwel*. Trad. de Célia Berretini. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.  
MORETTO, Fulvia M. L; BARBOSA, Sidney (orgs). *Aspectos do teatro ocidental*. São Paulo: Unesp, 2006.  
SZONDI, Peter. *Teoria do drama burguês* [século XVIII]. Trad. de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

### **Bibliografia complementar**

BOQUET, Guy. *Teatro e sociedade*: Shakespeare. Trad. de Berta Zemel. São Paulo: Perspectiva, 1989.  
DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. Trad. de L. F. Franklin de Matos. São Paulo: Brasiliense, 1986.  
HELIODORA, Bárbara. *Dramaturgia elizabetana*. São Paulo: Perspectiva, 2015.  
HUPPES, Ivete. *Melodrama*: o gênero e sua permanência. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.  
SCALA, Flaminio. *A loucura de Isabela e outras comédias da commedia dell'Arte*. Trad. de Roberta Barni. São Paulo: Iluminuras, 2003.

## **6. História e Teoria do Teatro III** (64h)

### **Ementa**

A obra de arte total wagneriana. A voga do textocentrismo. O realismo no teatro. A estética naturalista. Antoine e Stanislávski. A ascensão do encenador. O nascimento do teatro moderno. A redescoberta da teatralidade. As correntes de vanguarda no teatro. Appia e Craig. Artaud e o teatro da crueldade. Expoentes do teatro russo. Estética e ideologia do teatro engajado. Piscator e o teatro político. Brecht e o teatro épico.

### **Bibliografia básica**

GARCIA, Silvana. *As trombetas de Jericó* – teatro das vanguardas históricas. São Paulo: Ed. Hucitec: FAPESP, 1997.  
ROUBINE, Jean-Jaques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.  
SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno* [1880-1950]. Trad. de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

### **Bibliografia complementar**

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Trad. de Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1993.  
BORCHMEYER, Dieter. *Richard Wagner*: theory and theatre. Translated by Stewart Spencer. Oxford: Clarendon, 1991.



- BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre teatro*. Trad. de Fiamma Pais Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- PISCATOR, Erwin. *Teatro político*. Trad. de Aldo Della Nina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- ZOLA, Émile. O naturalismo no teatro. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Introd. e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 77-136

## **7. História e Teoria Teatro IV** (64h)

### **Ementa**

Estudo das principais correntes do teatro na contemporaneidade. Teorias e práticas dos encenadores contemporâneos. O teatro do absurdo e seus expoentes. Tendências da dramaturgia subsequente. Teatro e contracultura. *Happening* e performance. Grotowski e o teatro pobre. Barba e a antropologia teatral. Repercussão do Oriente nos teatros do Ocidente. Performatividade, hibridismo, multimídia e interculturalidade na encenação contemporânea. O conceito de pós-dramático em questão. Discussão do teatro atual.

### **Bibliografia básica**

- FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.
- PAVIS, Patrice. *A encenação contemporânea*. Trad. de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. (Col. Leitura e Crítica). Trad. de Andréa Stahel M. da Silva São Paulo: Martins Fontes, 1998.

### **Bibliografia complementar**

- ESSLIN, Martin. *O teatro do absurdo*. Trad. de Bárbara Heliodora e apres. de Paulo Francis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN, Ludwik; BARBA, Eugenio. *O teatro laboratório de Jerzy Grotowski: 1959-1969*. Trad. de Berenice Raulino. 2 ed. São Paulo; Pontedera, IT: Perspectiva: Sesc: Fondazione Pontedera Teatro, 2010.
- GUINSBURG, J.; FERNANDES, Sílvia (orgs.). *O teatro pós-dramático: um conceito operativo?* São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. Trad. de Pedro Sússekind. 2 ed. São Paulo: Cosac Naif, 2011.
- PAVIS, Patrice. *O teatro no cruzamento de culturas*. Trad. de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

## **8. Teatro Brasileiro** (64h)

### **Ementa**

Estudo das origens da cena brasileira. As matrizes africanas, europeias e indígenas na constituição do teatro brasileiro. O teatro no período colonial. O estabelecimento da cena nacional: dramaturgos, encenadores, atores, teóricos, críticos e pesquisadores. Estudo de gêneros dramáticos representativos do teatro brasileiro. O processo de modernização do teatro brasileiro. O teatro no contexto da ditadura militar. O teatro no período de abertura política. Os novos processos e paradigmas da criação cênica. A encenação contemporânea no Brasil.

### **Bibliografia básica**

- COSTA FILHO, José da. *Teatro contemporâneo no Brasil: criações partilhadas e presenças diferidas*. Rio de Janeiro: 7Letras 2009.
- GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de. *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC SP, 2006.
- MAGALDI, Sabato. *Panorama do teatro brasileiro*. 5 ed. São Paulo: Global, 2001.
- PRADO, Décio de A. *O teatro brasileiro moderno*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

### **Bibliografia complementar**

- CAMOES, Tassia. Aldeias em cena. *Metaxis*. 2010. n. 6. p. 38-39.
- DOUXAMI, Christine. Teatro negro: a realidade de um sonho sem sono. *Afro-Ásia*. 2001. 25/26. p. 313-368.
- FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob Dom Pedro II*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.
- MOSTAÇO, Edelcio. *Teatro e política: Arena, Oficina e Opinião*. São Paulo: Proposta Editorial: Secretaria de Estado da Cultura, 1982.
- VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

## **9. Teatro Goiano** (64h)

### **Ementa**

As origens da cena goiana. A constituição do teatro goiano a partir de histórias de vida. Panorama do teatro em Goiás: história, autores, encenadores, atores, ações contemporâneas. O movimento teatral no interior de Goiás. O teatro nas comunidades do entorno de Goiânia. Contexto histórico e cultural da cena na capital. Quadro atual do teatro em Goiânia.

### **Bibliografia básica**

- BORGES, Gilson P. (org.). *Memória da cena teatral goiana 1*. Goiânia: Nega Lilu Editora, 2015.
- ZORZETTI, Hugo. *Memória do teatro goiano - Tomo I - A cena na capital: os chamados pioneiros*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Memória do teatro goiano - Tomo III - A cena na ditadura*. Goiânia: Editora da UFG, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Memória do teatro goiano - Tomo II - A cena no interior*. Goiânia: Kelps, 2008.

### **Bibliografia complementar**

- CUNHA, Natalina F. *A história do teatro em Anápolis*. Goiânia, 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.
- DALLAGO, Saulo G. S. *A palavra e o ato: memórias teatrais em Goiânia*. Goiânia, 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História.
- MOURA, Carlos Francisco. O teatro em Goiás no século XVIII. *Revista da Universidade de Coimbra*. 1992. v. 37, n. 1. p. 471-485. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=rvt9xhsWljcC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=rvt9xhsWljcC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- POSTIGO, Wilker D. *Centro Popular de Cultura de Goiás: teatro político nos primeiros anos de 1960*. Rio de Janeiro, 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes.
- SOARES, Kárita G. *Figurino fora de cena: um estudo sobre a constituição de acervos de figurinos teatrais em Goiânia*. Goiânia, 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais.

## **10. História e Teoria da Arte I** (32h)

### **Ementa**

Introdução à história da arte. Enfoque das mais relevantes transformações da arte ocorridas da suas origens à primeira metade do século XIX, através da abordagem histórica que envolve o repertório de importantes conceitos e obras que balizam a reflexão sobre os períodos, estilos ou escolas: Pré-história; Antiguidade oriental e Antiguidade clássica; Medieval: paleocristã, bizantina, românica e gótica;

Renascimento; Maneirismo; Barroco; Rococó; Neoclassicismo e Romantismo. Destaque aos aspectos técnicos e estéticos constitutivos da obra e às premissas teóricas da criação, versando sobre tendências e interpretações de fenômenos históricos e estéticos que se constituem em fatores importantes para a apreensão e a compreensão da cultura artística, com debate de importantes temas que envolvem a produção do período.

### **Bibliografia básica**

BELL, Julian. *Uma nova história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.  
JANSON, Horst Woldemar. *História geral da arte* (Vol. I) – O Mundo Antigo e a Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 2001.  
\_\_\_\_\_. *História geral da arte: o mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

### **Bibliografia complementar**

ARGAN, Giulio Carlo. *Guia de história da arte*. Lisboa: Estampa, 1992.  
BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena história da arte*. Campinas: Papirus, 1989.  
BAZIN, Germain. *História da história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.  
HOBSBAWN, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.  
JANSON, Horst Woldemar; JANSON, Anthony F. *Iniciação à história da arte*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## **11. História e Teoria da Arte II (32h)**

### **Ementa**

Enfoque das mais relevantes transformações da arte ocorridas do final do século XIX aos dias atuais, através da abordagem histórica que envolve o repertório de importantes conceitos e obras que balizam a reflexão sobre a *arte moderna e contemporânea*, com enfoque nos grupos, escolas e movimentos mais significativos do período. Destaque aos aspectos técnicos e estéticos constitutivos da obra e às premissas teóricas da criação, versando sobre tendências e interpretações de fenômenos históricos e estéticos que se constituem em fatores importantes para a apreensão e a compreensão da cultura artística, com debate de temas que envolvem a produção do período: crise da representação; arte, sociedade e utopia; arte e tecnologia, crise da modernidade/pós-modernidade, novos espaços e novos suportes, performatividade, hibridismo, multimídia, interculturalidade.

### **Bibliografia básica**

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.  
ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.  
BELL, Julian. *Uma nova história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.  
GOMBRICH, Ernst.Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.  
STANGOS, Nikos (org.) *Conceitos de arte moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

### **Bibliografia complementar**

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena história da arte*. Campinas: Papirus, 1989.  
CANTON, Kátia. *Novíssima arte brasileira*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.  
CATTANI, Icleia B. (org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.  
DEMPSEY, Amy. *Estilos escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.  
DOMINGUES, Diana. *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.  
HARRISON, Charles. *Modernismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.  
MICHELI, Mario de. *As Vanguardas Artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2007.

SHAPIRO, MEYER. *A arte moderna: século XIX e XX*. São Paulo: Edusp, 1996.  
ZIELINSKY, Mônica (Org.). *Fronteiras: arte, críticas e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

## **12. História e Teoria da Dança** (32h)

### **Ementa**

Introdução à teoria e história da dança e suas relações com o campo das artes, com a cultura e a sociedade. Panorama histórico da dança, a partir dos períodos da pré-história, clássico, moderno e contemporâneo. O nascimento da dança moderna e a ruptura com os padrões da dança clássica. Dança e pós-modernidade.

### **Bibliografia básica**

BOGÉA, I. *O livro da dança*. Ilustrações de Marcelo Cipis. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.  
BOURCIER, P. *História da dança no Ocidente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.  
FERNANDES, C. *Pina Bausch e o Wuppertal Dança-teatro: repetição e transformação*. São Paulo: Hucitec, 2000.  
MENDES, M. G. *A dança*. São Paulo: Ática, 1985.  
LANGENDONCK, Rosana; RENGEL, Lenira. *Pequena viagem pelo mundo da dança*. São Paulo: Moderna, 2006.

### **Bibliografia complementar**

DUNCAN, I. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1989.  
GREINER, C. *Butô: pensamento em evolução*. São Paulo: Escrituras, 1998.  
SANTANA, I. *Corpo aberto: Cunningham, dança e novas tecnologias*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002.  
VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

## **13. Política, legislação e projetos culturais** (48h)

### **Ementa**

Panorama histórico das relações entre Cultura e Política. O lugar da cultura na construção da hegemonia. As perspectivas das artes da cena a partir do desenvolvimento da sociedade industrial e pós-industrial. Economia da cultura e das trocas simbólicas. Políticas públicas: as concepções, os aparelhos e os mecanismos de financiamento da cultura. Sistemas de apoio e financiamento da criação e produção artística. Interesse público e definição de mérito em projetos artísticos. Expectativas e exigências na elaboração de projetos artístico-culturais.

### **Bibliografia básica**

BARROS, J. M. *As mediações da cultura: arte, processos e cidadania*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2009.  
COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1997.  
MALAGODI, M. E. & CESNIK, F. de S. *Projetos culturais: elaboração, administração e aspectos legais*. São Paulo: Escrituras, 2004.  
REIS, A. C. F. & MARCO, K. de. (org.). *Economia da cultura: ideias e vivências*. Rio de Janeiro: Editora e-livre, 2009.

### **Bibliografia complementar**

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M.. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.  
CESNIK, F. de S. *Guia do incentivo à cultura: revista e ampliada*. São Paulo: Editora Manole, 2007.  
FERRON, F. & FARIA, H. J. B. *Cartas da cultura*. Cadernos Polis, V. 3. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.  
FONSECA, R. J. A. *O avesso da cena: notas sobre gestão e produção cultural*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2010.

- REIS, A. C. F. *Marketing cultural e financiamento da cultura*. São Paulo: Thomsom Pioneira, 2002.
- RUBIM, A. A. C. & BARBALHO, A. (org.). *Políticas culturais no Brasil*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007.

## **II. REPRESENTAÇÃO E LINGUAGENS**

### **14. Princípios da Linguagem Visual** (48 h)

#### **Ementa**

Fundamentos da linguagem visual com desenvolvimento de conhecimentos relacionados aos elementos básicos, à estruturação da composição visual e à teoria da cor. Percepção e entendimento dos elementos morfológicos e suas relações na composição de estruturas sintáticas recorrentes na produção visual, com estímulo da compreensão crítica dos processos de significação e produção do sentido e promoção da articulação entre a sensibilidade estética e o domínio teórico e técnico das ferramentas de linguagem. Investigação, experimentação e adequação dos meios técnico-expressivos às finalidades do discurso visual. Reflexão sobre as possibilidades do discurso visual nas artes da cena.

#### **Bibliografia Básica**

- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. 13ª ed. Campinas: Papirus, 1993.
- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Tradução: Ivone Terezinha de Faria. 10ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1996.
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- OSTROWER, F. *Universos da arte*. 31ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier - Campus, 2004.

#### **Bibliografia Complementar**

- GOMES FILHO, J. *Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2000.
- GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2000.
- LUPTON, E.; PHILLIPS, J. C. *Novos fundamentos do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PIGNATÁRI, Décio. *Semiótica da arte e da arquitetura*. 3ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 10ª ed. São Paulo: SENAC, 2009.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

### **15. Desenho I** (48h)

#### **Ementa**

Apreensão e representação gráfica de objetos através da linguagem do desenho de observação à mão livre. Introdução aos elementos formais e sintáticos, aos suportes e materiais, bem como aos códigos e técnicas representacionais. Objetiva instrumentalizar o aluno para ulterior uso do desenho em processos de concepção e produção de objetos destinados à construção do espaço cênico e à caracterização do ator.

#### **Bibliografia Básica**

- DERDIK, E. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1989.
- HALLAWELL, P. *A mão livre*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- WONG, W. *Princípios de forma e desenho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

### **Bibliografia Complementar**

- DERDYK, Edith. *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: SENAC, 2007.
- EDWARDS, B. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. 12ª. ed. São Paulo: Ediouro, 1984.
- HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: H. Blume, 1980.
- MASSIRONI, M. *Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SIMBLET, S. *Desenho*. São Paulo: Ambientes & Cores, 2011.
- SMITH, Ray. *Desenhando figuras*. São Paulo: Manole. 1997.

## **16. Desenho II** (48h)

### **Ementa**

Apreensão e representação gráfica do espaço interno e externo através da linguagem do desenho de observação e de construção. Introdução aos elementos formais e sintáticos, aos suportes e materiais, bem como aos códigos e técnicas representacionais da *perspectiva* à mão livre e geométrica. Objetiva instrumentalizar o aluno para ulterior uso do desenho no desenvolvimento e representação de espaços teatrais, cenográficos, luminosos, dentre outros.

### **Bibliografia básica**

- GIANAZZA, G. *A perspectiva*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- MACHADO, Ardevan. *Perspectiva: cônica, cavaleira, axonométrica*. 5ª ed. São Paulo: Pini, 1988.
- MONTENEGRO, Gildo A. *A perspectiva dos profissionais*. São Paulo: Edgard Blucher, 1983.

### **Bibliografia complementar**

- CHING, Francis D.K., JUROSZECK, Steven P. *Representação gráfica para o desenho e projeto*. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2001.
- CLAUDI, Cláudio. *Manual de perspectiva*. 3ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- GILL, Robert W. *Desenho de perspectiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- MACHADO, Adervan. *Perspectiva*. São Paulo: Editora PINI, 1988.
- MASSIRONI, M. *Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos e comunicativos*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SCHARWACHTER, G. *Perspectiva para arquitetos*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1986.

## **17. Desenho III** (48h)

### **Ementa**

Apreensão e representação gráfica da figura humana através da linguagem do desenho de observação a mão livre, com uso de modelos vivos. Introdução aos elementos formais e sintáticos, aos diversos suportes e materiais, bem como aos códigos e técnicas representacionais. Objetiva instrumentalizar o aluno para ulterior uso do desenho no desenvolvimento e representação de figurinos, adereços, máscaras, bonecos, dentre outros.

### **Bibliografia básica**

- CRUZ, Dani. *Como desenhar o corpo humano*. Barcelona: Ilusbooks, 2011.
- DERDIK, E. *O desenho da figura humana*. S. Paulo: Scipione, 1990.
- GORDON, L. *Desenho Anatômico*. Lisboa: Presença, 1991.

### **Bibliografia complementar**

- BARRETO, G.; OLIVEIRA, M. G. *A arte secreta de Michelângelo*. São Paulo: Arx, 2006.
- FRIPP, Sir Alfredo D; THOMPSON, Rodolfo. *Anatomía artística humana*. Barcelona: Gustavo Gilli S.A., 1962.

GORDON, L. *O Corpo em Movimento*. Lisboa: Presença, 1991.  
HOCKNEY, D. *O conhecimento secreto: redescobrimos as técnicas perdidas dos grandes mestres*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

## **18. Plástica** (64h)

### **Ementa**

Construção do conhecimento estético por meio da concepção de elementos visuais referentes à dimensão espacial: atividades de criação tridimensional através da criação de objetos que exercitem o raciocínio e a sensibilidade espacial com o desenvolvimento de conceitos e métodos pertinentes à dinâmica de composição plástica dos materiais. Formação de repertório vocabular e de práticas que fundamentem e conduzam a dimensão criativa dos projetos de Direção de Arte nas disciplinas ulteriores, pela assimilação de conceitos inerentes ao comportamento da forma na arte.

### **Bibliografia Básica**

ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Tradução: Ivone Terezinha de Faria. 10ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1996.  
DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.  
GOMES FILHO, J. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2000.  
PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: São Paulo: SENAC Nacional, 2003.

### **Bibliografia Complementar**

KANDISKY, W. *Ponto e linha sobre o plano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.  
\_\_\_\_\_. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.  
MONDRIAN, Piet. *Neoplasticismo na pintura e na arquitetura*. Organização: Carlos A. Ferreira Martins. Tradução: João Carlos Pijnappel. São Paulo: Cosac & Naif, 2008.  
OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.  
PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 10ª ed. São Paulo: SENAC SP, 2009.  
TUCKER, William. *A linguagem da escultura*. São Paulo: Cosac & Naif, 1999.

## **19. Materiais e Meios Bidimensionais** (64h)

### **Ementa**

Aprendizagem de elementos e subsídios técnico-expressivos para desenvolvimento da linguagem visual bidimensional em pintura e outras técnicas, através do manuseio experimental de variados materiais e suportes e como recurso criativo e expressivo nas artes da cena. Conceituação, apreensão e domínio do uso da cor com vias à aplicação em processos de concepção e em apresentações ou soluções finais de projetos de Direção de Arte.

### **Bibliografia básica**

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Madri: Hermann Blume, 1980.  
HARRISON, Hazel. *Desenho e pintura*. Porto Alegre: Edelbra, 1994.  
MAYER, Ralph. *Manual do artista: de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.  
MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *Iniciação à pintura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.  
PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: São Paulo: SENAC Nacional, 2003.

### **Bibliografia complementar**

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 2004.  
FRANCASTEL, Pierre. *Pintura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.  
LEGER, Fernand. *Funções da pintura*. São Paulo: Nobel, 1989.

MAYER, Ralph. *Manual do artista: de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *Iniciação à pintura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

OSTROWER, F. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2004.

SMITH, Ray. *El manual del artista*. Madri: Hermann Blume, 1990.

## **20. Materiais e Meios Tridimensionais** (64h)

### **Ementa**

Aprendizagem de elementos e subsídios técnico-expressivos para desenvolvimento da linguagem visual tridimensional, através do manuseio experimental de variados materiais e suportes como recurso criativo e expressivo nas artes da cena. Conceituação, apreensão e domínio do uso das propriedades plásticas dos materiais e da cor com vias à aplicação em processos de concepção e produção de objetos destinados à construção do espaço cênico e à caracterização do ator.

### **Bibliografia básica**

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Trad. José Manuel de Vasconcelos. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

RIOS, Rafael; RIDOLFI, Eloy. *Teatro com materiais ressignificados na imagem teatral*. Rio de Janeiro: Odysseus, 2011.

TERNEAUX, Elodie; KULA, Daniel. *Materiologia: o guia criativo de materiais e tecnologias*. São Paulo: SENAC, 2012.

### **Bibliografia complementar**

BORGES, Adélia. *Design-artesanato: o caminho brasileiro*. Cidade: Terceiro Nome, 2011.

CARVALHO, Monica. *Artesanato sustentável: Natureza, design & arte*. São Paulo: SENAC Nacional, 2015.

MAYER, Ralph. *Manual do artista: de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUTINHO, Stella; PRADO, Rubia Bueno; LONDRES, Ruth. *Dicionário de artes decorativas e decoração*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SMITH, Stan; TEN HOLT, H. F.. *Manual del artista: equipo, materiales y tecnicas*. Madrid: Hermann Blume, 1980.

PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: São Paulo: SENAC Nacional, 2003.

## **21. Representação Gráfica I** (64h)

### **Ementa**

Representação gráfica técnica do projeto construtivo – o objeto, o espaço e as normatizações de sua representação. *Desenho do objeto cênico*: sistema de representação em épura – conceituação, convenções (ABNT), leitura e desenvolvimento técnico-construtivo das vistas do objeto. *Desenho do espaço teatral e cenográfico*: sistemas de representação – conceituação, convenções (ABNT), leitura e desenvolvimento técnico-construtivo de plantas, vistas e cortes.

### **Bibliografia básica**

FERREIRA, Regis de C.; FALEIRO, Heloína T.; SOUZA, Renata F. de. *Desenho Técnico*. Apostila de circulação interna. Goiânia: Escola de Agronomia e de Engenharia de Alimentos da UFG, 2008. Disponível em: [http://portais.ufg.br/uploads/68/original\\_Apostila\\_desenho](http://portais.ufg.br/uploads/68/original_Apostila_desenho).

PEREIRA, ALDEMAR. *Desenho técnico básico*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

MONTENEGRO, G. A. *Desenho arquitetônico*. 4ª ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2001.



### **Bibliografia complementar**

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Coletânea de normas de desenho técnico*. São Paulo: SENAI/DTE/DMD, 1990.
- CHING, Francis D. K. *Representação gráfica em arquitetura*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- FERREIRA, Patrícia. *Desenho de arquitetura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2008.
- MAGUIRE, D. E.; SIMMONS, C. H. *Desenho Técnico. Problemas e soluções gerais de desenho*. São Paulo: Ed. Hemus, 2004.
- SANTANA, Marco Aurélio; SARAPKA, Elaine Maria; et al. *Desenho Arquitetônico Básico*. São Paulo: Ed. PINI, 2010.

## **22. Representação Gráfica II** (64h)

### **Ementa**

Representação gráfica digital expressiva e técnica e suas aplicações nas artes da cena: tipos, papéis e possibilidades. Estudos orientados acerca dos recursos e meios digitais com possibilidades de aplicação em projetos de Direção de Arte, com desenvolvimento de exercícios de aprendizagem de uso dos programas tecnológicos.

### **Bibliografia básica**

- GONÇAVES, Marly de Meneses. *O uso do computador como meio para a representação do espaço: estudo de caso na área de ensino do digital & virtual design*. Tese (doutorado em arquitetura e urbanismo). Faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 2009.
- DAGOSTINO, Frank R. *Desenho arquitetônico contemporâneo*. São Paulo: Ed. Hemus, 2004.
- RÊGO, Rejane de Moraes. *Educação gráfica e projeção arquitetônica: as relações entre a capacidade visiográfica-tridimensional e a utilização da modelagem geométrica 3D*. São Paulo: Blucher acadêmico, 2011.

### **Bibliografia complementar**

- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- KWIATKOWSKA, Ada. A gênese das formas arquitetônicas: projetos inventivos na era virtual. In: DUARTE, Cristiane Rose. et al. (Orgs.) *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2007, p. 357.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MEDEIROS, Lígia Maria Sampaio de. *Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando*. Santa Maria: sCHDs Editora, 2004.
- RUFINO, Iana Alexandra Alves; VELOSO, Máisa Fernandes Dutra. *Entre a bicicleta e a nave espacial: os novos paradigmas da informática e o ensino do projeto arquitetônico*. In: DUARTE, Cristiane Rose. et al. (Orgs.) *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2007, p. 269-270.

## **III. CONCEPÇÃO E PROJETO**

## **23. Introdução à Construção do Espaço Cênico** (48 h)

### **Ementa**

A construção do espaço cênico como elemento da linguagem teatral, seus componentes e suas relações: o lugar teatral, a cenografia e a iluminação cênica. Breve panorama das transformações dos fundamentos e práticas da construção do espaço cênico, da Antiguidade à cena contemporânea. Experiência, em nível básico, de concepção de espaço teatral, cenográfico e luminoso, investigando métodos,

materiais e recursos técnico-expressivos com abordagem de exemplos de percursos criativos.

### **Bibliografia básica**

- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.  
CAMARGO, Roberto Gill. *Conceito de iluminação cênica*. São Paulo: Música & Tecnologia, 2012.  
DEL NERO, Cyro. *Cenografia*. Uma breve visita. São Paulo: Claridade, 2008.  
PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

### **Bibliografia complementar**

- CAMARGO, Roberto Gill. *Função estética da luz*. São Paulo: Perspectiva, 2010.  
FORJAZ, C. *À luz da linguagem: a iluminação cênica – de instrumento da visibilidade à "scriptura do visível"*. Tese de Mestrado, ECA/USP. São Paulo. 2009.  
GUINSBURG, J., COELHO NETTO, J. T., CARDOSO, R.C. *Semiologia do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2006.  
MANTOVANI, A. *Cenografia*. São Paulo: Ática, 1989.  
ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

## **24. Introdução à Caracterização do Ator (48h)**

### **Ementa**

A caracterização do ator como elemento da linguagem teatral, seus componentes e suas relações: figurinos, adereços, maquiagem, cabelos e postigos. Breve panorama das transformações dos fundamentos e práticas da caracterização do ator, da Antiguidade à cena contemporânea. Experiência, em nível básico, de concepção de caracterização do ator, investigando métodos, materiais e recursos técnico-expressivos, com abordagem de exemplos de percursos criativos.

### **Bibliografia básica**

- ROUBINE, Jean Jacques. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.  
SILVA, Amabilis de Jesus da. *Figurino-penetrante: um estudo sobre a desestabilização das hierarquias em cena*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Doutorado). Universidade Federal da Bahia, 2010.  
VIANA, Fausto. *Figurino teatral e as renovações do século XX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

### **Bibliografia complementar**

- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2004  
MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus: o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.  
PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.  
RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2008.  
SOUZA, J. F. V. de. *A maquiagem no processo de construção do personagem*. Dissertação (Mestrado – Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia) Salvador, 2004.

## **25. Cenografia e Espaço Teatral I (64 h)**

### **Ementa**

A concepção cenográfica: refletir e projetar o espaço cenográfico contemporâneo *em espaço teatral não convencional*. Dramaturgia, encenação e escritura espacial: relações e análise de obras. Metodologia projetual em cenografia e espaço teatral: 1.

Estudos, levantamentos e cartografias - *briefing*, lugar teatral, dramaturgia, encenação, atuação e demais elementos plásticos e visuais do espetáculo; 2. Pesquisa iconográfica - contextos espaciais, históricos, paisagísticos, emocionais e climáticos e outras montagens; 3. Fundamentação conceitual; 4. Anteprojeto - croquis e maquetes processuais; 5. Projeto final - desenhos técnicos, maquete final e 6. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

CARREIRA, André. *Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade*. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Espaço e teatro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.  
FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.  
REUBOUÇAS, Evill. *A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional*. São Paulo: UNESP, 2009.

### **Bibliografia complementar**

DEL NERO, Cyro. *Máquina para os deuses*. Anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia. São Paulo: SESC/SENAC, 2009.  
EICHBAUER, Hélio. *Cartas de marear: impressões de viagem caminhos de criação*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.  
PAVIS, Patrice. *Análise dos espetáculos*. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2005.  
RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia. Variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: SENAC, 1999.  
SERRONI, J. C. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: SESC, 2013.

## **26. Cenografia e Espaço Teatral II** (48 h)

### **Ementa**

A concepção cenográfica: refletir e projetar o espaço cenográfico contemporâneo *em caixa cênica equipada*. Dramaturgia, encenação e escritura espacial: relações e análise de obras. Metodologia projetual em cenografia e espaço teatral: 1. Estudos, levantamentos e cartografias - *briefing*, lugar teatral, dramaturgia, encenação, atuação e demais elementos plásticos e visuais do espetáculo; 2. Pesquisa iconográfica - contextos espaciais, históricos, paisagísticos, emocionais e climáticos e outras montagens; 3. Fundamentação conceitual; 4. Anteprojeto - croquis e maquetes processuais; 5. Projeto final - desenhos técnicos, maquete final e 6. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

MACHADO, Raul. J. de B. (coord.) *Oficina cenotécnica*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.  
SERRONI, José C. (coord.) *Oficina de arquitetura cênica*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.  
SILVA, Robson. J. G. (coord.). *100 termos básicos da cenotécnica: caixa cênica italiana*. Rio de Janeiro: IBAC, 1992.

### **Bibliografia complementar**

DEL NERO, Cyro. *Máquina para os deuses*. Anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia. São Paulo: SESC/SENAC, 2009.  
EICHBAUER, Hélio. *Cartas de marear: impressões de viagem caminhos de criação*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.  
MONTENEGRO, Gildo A. *Desenho arquitetônico*. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.  
MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia. Variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: SENAC, 1999.  
SERRONI, J. C. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: SESC, 2013.

## **27. Iluminação, Projeções e Efeitos I** (64 h)

### **Ementa**

Ótica e fotometria: cor, temperatura de cor, brilho, luminância, fluxo luminoso e intensidade luminosa. Projeções de imagens estáticas e em movimento. Noções de equipamentos, montagens e efeitos. Metodologia projetual em iluminação, projeções e efeitos: 1. Estudos, levantamentos e cartografias – *briefing*, lugar teatral, dramaturgia, encenação, atuação e demais elementos plásticos e visuais do espetáculo; 2. Pesquisa iconográfica – contextos espaciais, históricos, paisagísticos, emocionais e climáticos e outras montagens; 3. Fundamentação conceitual; 4. Anteprojeto – rascunho de mapa de luz e roteiro de cenas; 5. Projeto final – mapa de luz, rider técnico de equipamentos, roteiro de cenas e 6. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

- CAMARGO, Roberto Gill. *Função estética da luz*. Sorocaba: TCM comunicações, 2000.
- LEITE, Marcelo Denny de T. *Caleidoscópio Digital: contribuições e renovações das tecnologias da imagem na cena contemporânea*. São Paulo: Tese de doutorado do CAC-ECA-USP, 2011.
- FORJAZ, Cibele. *No palco, a luz*. Revista Humanidades, no. 52. Brasília: Editora da UnB, 2006.
- SARAIVA, H. F. *Iluminação teatral: história, estética e técnica*. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1989.

### **Bibliografia complementar**

- CAMARGO, Roberto Gill. *Conceito de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2012.
- HELLER, Eva. *A psicologia das cores*. Barcelona: Garamond Ltda, 2000.
- PEREZ, Valmir. *Luz e arte: um paralelo entre as ideias de grandes mestres da pintura e o design de iluminação*. São Paulo: De Maio Comunicação e Editora, 2012.
- SILVA, Mauri Luiz da Silva. *Luz, lâmpadas e iluminação*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.
- SHELLEY, Steven Louis. *A practical guide to stage lighting*. Boston: Local Press, 1999.
- TORMANN, Jamile. *Caderno de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2008.

## **28. Iluminação, Projeções e Efeitos II** (48 h)

### **Ementa**

Eletricidade básica e normas de segurança (NR 10 e NR 35). Princípios de robótica aplicada à iluminação cênica. Mesas, *dimmers* e programação. *Softwares* de apoio. Representação gráfica técnica manual e digital aplicada à iluminação. Metodologia projetual em iluminação, projeções e efeitos: 1. Estudos, levantamentos e cartografias – *briefing*, lugar teatral, dramaturgia, encenação, atuação e demais elementos plásticos e visuais do espetáculo; 2. Pesquisa iconográfica – contextos espaciais, históricos, paisagísticos, emocionais e climáticos e outras montagens; 3. Fundamentação conceitual; 4. Anteprojeto – mapa de luz, *patch* e roteiro de cenas; 5. Projeto final – mapa e planilha de equipamentos, roteiro de cenas, *patch*, planejamento; 6. Montagem e operação e 7. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

- CABRAL, Pedro e CORREIA, José Álvaro. *Manual técnico de iluminação para espetáculos*. Cidade do Porto: Setepés, 2008.
- DULTRA, Pedro. *Em cena, o iluminador*. Rio de Janeiro: Música e Tecnologia, 2013.
- KELLER, Max. *Light Fantastic: The Art and Design of Stage Lighting*. 3ª ed. Nova York: Prestel, 2010.

### **Bibliografia complementar**

- CARVALHO, J. (coord.). *Oficina de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.
- MACHADO, Renato. *A luz montagem*. Móin-Móin: Revista de estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano 4, v.5, 2008

- RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia*. Variações sobre o mesmo tema 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001.
- TUDELLA, Eduardo A. S.. *Design, cena e luz: anotações*. Revista A(L)BERTO, v. #3, p. 11-24, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Um mergulho no reino das sombras*. Revista da Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 01, n.01, p. 67-75, 1998.
- TORMANN, Jamile. *Caderno de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2008.

## **29. Figurinos e Adereços I** (64h)

### **Ementa**

Investigação do figurino e dos adereços cênicos enquanto componentes da caracterização do ator na linguagem teatral instigando percepções corporais, visuais, espaciais e materiais. Estudos em história da indumentária e concepção de figurinos e adereços. Pesquisa de materiais expressivos e técnicas construtivas de figurino e adereços. Metodologia projetual em figurinos e adereços: 1. Conceituação – estudos da dramaturgia e da encenação; 2. Pesquisas de referência; 3. Elaboração de projeto – representações gráficas, materiais, mão-de-obra, cronograma e orçamentos e 4. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

- KOHLER, C. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus: o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.
- VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. *Diário de pesquisadores: Traje de cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

### **Bibliografia complementar**

- ALMEIDA, Desirée Bastos de. *Cena para um figurino*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- NERY, M. L. *A Evolução da indumentária – subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Senac, 2009.
- RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2008.
- SILVA, Amabilis de Jesus da. *Figurino-penetrante: um estudo sobre a desestabilização das hierarquias em cena*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Doutorado). Universidade Federal da Bahia, 2010.

## **30. Figurinos e Adereços II** (48h)

### **Ementa**

Pesquisa de materiais expressivos e técnicas construtivas de figurino e adereços. Metodologia projetual em figurinos e adereços: 1. Conceituação – estudos da dramaturgia e da encenação; 2. Pesquisas de referência; 3. Elaboração de projeto – representações gráficas, materiais, mão-de-obra, cronograma e orçamentos e 4. Execução de projeto – confecção/aquisição. A manutenção e conservação de figurinos e adereços.

### **Bibliografia básica**

- KOHLER, C. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- NERY, M. L. *A evolução da indumentária – subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Senac, 2009.
- UDALE, J. *Tecidos e moda*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. *Diário de pesquisadores: traje de cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

### **Bibliografia complementar**

AZEVEDO, Elizabeth R.; VIANA, Fausto. *Breve manual de conservação de trajes teatrais*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Teatro Municipal de São Paulo, 2006.

BOUCHER, F. *História do vestuário no ocidente*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus: o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC - SP, 2008.

## **31. Maquiagem, Cabelos e Postiços I** (64h)

### **Ementa**

A maquiagem, o cabelo e os postiços enquanto componentes da caracterização do ator na linguagem teatral, instigando percepções corporais, visuais, espaciais e materiais. História da maquiagem, da cosmética e do penteado. Pesquisa de materiais expressivos e técnicas aplicadas em maquiagem, cabelos e postiços. Precauções e cuidados com a pele e o cabelo. Recursos básicos da maquiagem cênica - luz e sombra; linhas, formas, cores, materiais e efeitos. Higienização e manutenção de materiais. Introdução à metodologia projetual em maquiagem, cabelos e postiços: 1. Conceituação - estudos da dramaturgia e da encenação; 2. Pesquisas de referência; 3. Elaboração de projeto - representações gráficas, materiais, cronograma e orçamentos; 4. Execução de projeto e 5. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOUZA, J. F. V. de. *A maquiagem no processo de construção do personagem*. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

VITA, A. C. R. *História da maquiagem, da cosmética e do penteado*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008.

### **Bibliografia complementar**

HALLAWELL, Philip. *Visagismo: harmonia e estética*. São Paulo: Senac, 2008.

\_\_\_\_\_. *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza*. São Paulo: Senac, 2009.

MALU, N. *De cara nova: manual de maquiagem*. São Paulo: FTD, 1997.

MOLINOS, D. *Maquiagem*. São Paulo: Senac, 2010.

RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC - SP, 2008.

## **32. Maquiagem, Cabelos e Postiços II** (48h)

### **Ementa**

Utilização de postiços: careca, barba, bigode, perucas, apliques e cílios. Pesquisa de materiais expressivos e técnicas aplicadas em maquiagem e cabelos nas artes cênicas. Metodologia projetual em maquiagem, cabelos e postiços: 1. Conceituação - estudos da dramaturgia e da encenação; 2. Pesquisas de referência; 3. Elaboração de projeto - representações gráficas, materiais, mão-de-obra, cronograma e orçamentos; 4. Execução de projeto e 5. Apresentação e defesa oral.

### **Bibliografia básica**

HALLAWELL, Philip. *Visagismo: harmonia e estética*. São Paulo: Senac, 2008.  
MOLINOS, D. *Maquiagem*. São Paulo: Senac, 2010.  
SOUZA, J. F. V. de. *A maquiagem no processo de construção do personagem*. Dissertação (Mestrado – Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia) Salvador, 2004.

### **Bibliografia complementar**

ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2013.  
HALLAWELL, Philip. *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza*. São Paulo: Senac, 2009.  
MALU, N. *De cara nova: manual de maquiagem*. São Paulo: FTD, 1997.  
RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2008.  
VITA, A. C. R. *História da maquiagem, da cosmética e do penteado*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008.

## **33. Oficina de Teatro de Máscaras (48 h)**

### **Ementa**

A máscara como elemento de caracterização da personagem. Tipos de máscara. Concepção e execução de projeto. Técnicas de confecção e uso de máscaras.

### **Bibliografia básica**

AMARAL, A. M. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: Edusp, 1991.  
\_\_\_\_\_. *O ator e seus duplos*. São Paulo: Edusp, 2002.  
BELTRANE, Valmor Nini; ANDRADE, Milton de. *Teatro de máscaras*. Florianópolis: UDESC, 2010.

### **Bibliografia complementar**

ALBERTTI, Carmelo; PIZZI, Paola. *Museu internacional da máscara: a arte mágica de Amleto e Donato Sartori*. São Paulo: É Realizações, 2013.  
BARBA, E. SAVARESE N. *A arte secreta do ator: Dicionário de antropologia teatral*. São Paulo: Hucitec/Campinas: Editora da Unicamp, 1995.  
FO, Dário. *Manual mínimo do ator*. São Paulo: Senac, 1998.  
KLINTOWITZ, J. *Máscaras brasileiras*. São Paulo: Rhodia, 1986.  
PAIVA, Sônia. *Encenação: percurso pela criação, planejamento e produção teatral*. Brasília: UnB, 2011.

## **34. Oficina de Teatro de Formas Animadas (64 h)**

### **Ementa**

Estudo do teatro de formas animadas: bonecos, sombras e objetos. O trabalho do ator no teatro de animação. Concepção e execução de projeto. Técnicas de confecção e manipulação de bonecos.

### **Bibliografia básica**

AMARAL, A. M. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: Edusp, 1991.  
\_\_\_\_\_. *O ator e seus duplos*. São Paulo: Edusp, 2002.  
BELTRANE, Valmor Nini. (org) *Teatro de bonecos: princípios técnicos do trabalho do ator-animador*. Artigo impresso In BELTRANE, Valmor Nini (org). Distintos olhares sobre teoria e prática. Florianópolis: UDESC, 2008. Disponível em: <http://teatrodeanimacao.wordpress.com/revista-eletronica/principios-tecnicos-do-trabalho-do-ator-animador-por-valmor-nini-beltrane/>. Último acesso em março de 2015.

### **Bibliografia complementar**

- AMARAL, A. M. *Teatro de animação*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- APOCALYPSE, A. *Dramaturgia para a nova marionete*. Belo Horizonte: Giramundo Teatro de Bonecos, 2003.
- BALARDIM, Paulo. *Relações de vida e morte no teatro de animação*. Porto Alegre: Edição do autor, 2004.
- BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1966.
- OLIVEIRA JUNIOR, Francisco Guilherme de. *As materialidades no teatro de sombras*. In: Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Ano 8 – Número 9, 2012. Disponível em: <http://teatrodeanimacao.wordpress.com/revista-moin-moin/moin-moin-no-9-teatro-de-sombras/>. Último acesso em novembro de 2014.
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulendo: O Teatro de Bonecos Popular no Brasil*. In: Revista Móin-Móin, ano 03, número 03, páginas de 16 à 35, 2007. Disponível em: <http://teatrodeanimacao.wordpress.com/revista-moin-moin/moin-moin-n%C2%BA-3-teatro-de-bonecos-popular-brasileiro/>. Último acesso em novembro de 2014.

## **IV. PESQUISA E TCC**

### **35. Fundamentos e Métodos da Pesquisa Acadêmica em Artes (32h)**

#### **Ementa**

Fundamentos do pensamento científico e natureza do conhecimento na arte. A pesquisa científica, a pesquisa artística e a pesquisa científica em arte. Iniciação científica e a formação do pesquisador. Introdução à metodologia da pesquisa acadêmica em arte. Fontes primárias e secundárias. Estrutura do texto científico. Trabalhos acadêmicos – seminário, resenha, resumo, artigo e projeto de pesquisa: papéis, procedimentos e normatizações.

#### **Bibliografia básica**

- CARREIRA, A.; CABRAL, B.; RAMOS, L. F.; FARIAS, S. C. *Metodologia de pesquisa em artes cênicas*. Rio de Janeiro: Letras, 2001.
- CARVALHO, M. C. (org.). *Construindo o saber*. Metodologia científica: fundamentos e técnicas. Campinas: Papirus, 1989.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZAMBONI, S. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3ª ed. Campinas: Autores associados, 2006.

#### **Bibliografia complementar**

- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos da metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MEDEIROS, J. B. M. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas*. 11ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MICHALISZNZ, M. S. *Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

### **36. Fundamentos e Métodos da Pesquisa e Projeto em Direção de Arte (64 h)**

#### **Ementa**

Fundamentos e métodos da pesquisa e projeto em direção de arte. Análise de texto dramático ou roteiro cênico aplicada à elaboração de projeto de direção de arte. Da concepção de direção à concepção de direção de arte. Estudos preliminares, formulação de proposta conceitual e desenvolvimento de projeto profissional em



direção de arte, com argumentação escrita e projetos gráficos e/ou tridimensionais. Apresentação e defesa de memorial de pesquisa, fundamentação e criação.

### **Bibliografia básica**

- BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BUTRUCÉ, Débora; BOUILLET, Rodrigo. (orgs). *A Direção de Arte no cinema brasileiro*. 1 ed. Catálogo da mostra A Direção de Arte no Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: Caixa Cultural RJ, 07 a 18 de fevereiro de 2017. Disponível em: [http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo\\_A\\_Direcao\\_de\\_Arte\\_no\\_Cinema\\_Brasileiro.pdf](http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo_A_Direcao_de_Arte_no_Cinema_Brasileiro.pdf)
- PAIVA, Sônia. *Encenação: percurso pela criação, planejamento e produção teatral*. Brasília: UnB, 2011.
- ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

### **Bibliografia complementar**

- ALVES, Rubem. *Sobre arte e universidade: variações para oboé e fagote*. Trilhas – Revista do Instituto de Artes da Unicamp, n. 6. Campinas: Unicamp, 1997.
- CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro*. São Paulo: UNESP, 1997.
- PLAZA, Julio. *Arte, ciência, pesquisa: relações*. Trilhas – Revista do Instituto de Artes da Unicamp, n. 6. Campinas: Unicamp, 1997.
- WERNECK, Maria Helena e BRILHANTE, Maria João (org.). *Texto e imagem: estudos de teatro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

## **37. Laboratório de Direção de Arte I (96 h)**

### **Ementa**

Seguindo a linha de trabalho desenvolvida na disciplina *Fundamentos e Métodos da Pesquisa e Projeto em Direção de Arte*, aqui o estudante deverá não apenas projetar, mas também concretizar uma experiência de Direção de Arte, em caráter global, ou seja, incluindo todos os aspectos da direção de arte, ou focal, aprofundando a experiência em apenas um eixo da Direção de Arte. O trabalho laboratorial poderá ser desenvolvido em grupo ou individualmente e será supervisionado pelo professor da disciplina. De acordo com o projeto e seu lócus de aplicação, a experiência poderá ser continuada na disciplina *Laboratório de Direção de Arte II*. Neste caso, o professor estabelecerá as exigências de conclusão para o semestre, conforme o projeto elaborado. A experiência poderá ser desenvolvida no âmbito das produções cênicas em andamento na UFG, que comportem a aplicação prática da direção de arte, seja no âmbito da graduação, pós-graduação, extensão ou pesquisa, desde que situadas no campo das artes da cena e conforme aprovação do professor. O estudante ou grupo também pode realizar um processo autônomo de criação, conforme Plano de Ensino do professor responsável, desde que o foco na Direção de Arte seja preservado. O acompanhamento do processo artístico global é parte constituinte do laboratório, devendo o discente desenvolver sua proposta a partir do trabalho integrado e colaborativo com todo o grupo responsável pela montagem.

### **Bibliografia básica**

- CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- HALLAWELL, Philip. *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza*. São Paulo: Senac, 2009.
- MACHADO, Raul. J. de B. (coord.) *Oficina cenotécnica*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- SHELLEY, Steven Louis. *A practical guide to stage lighting*. Boston: Local Press, 1999.

### **Bibliografia complementar**

- CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.
- MOLINOS, D. *Maquiagem*. São Paulo: Senac, 2010.
- MONTENEGRO, Gildo A. *Desenho arquitetônico*. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.
- MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

TORMANN, Jamile. *Caderno de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2008.

### **38. Laboratório de Direção de Arte II** (96 h)

#### **Ementa**

Nesta disciplina, o estudante poderá dar prosseguimento ao trabalho iniciado em *Laboratório de Direção de Arte I*, ou realizar nova experiência laboratorial. Caso o trabalho esteja vinculado a um processo artístico programado para realização ao longo de todo o ano letivo, será indicado que o estudante ou o grupo de estudantes estabeleçam o mesmo perfil de trabalho, dando continuidade à disciplina anterior. No caso da realização de nova experiência laboratorial, os procedimentos devem ser os mesmos indicados na ementa anterior.

#### **Bibliografia básica**

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.  
HALLAWELL, Philip. *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza*. São Paulo: Senac, 2009.  
MACHADO, Raul. J. de B. (coord.) *Oficina cenotécnica*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.  
SHELLEY, Steven Louis. *A practical guide to stage lighting*. Boston: Local Press, 1999.

#### **Bibliografia complementar**

CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.  
HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC: SESC, 2014.  
MOLINOS, D. *Maquiagem*. São Paulo: Senac, 2010.  
MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
TORMANN, Jamile. *Caderno de iluminação cênica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2008.

### **39. Trabalho de Conclusão de Curso I -** (32 h)

#### **Ementa**

Disciplina voltada à estruturação da primeira parte da criação de um trabalho no qual o estudante possa consolidar o aprendizado obtido ao longo de todo o curso. Recomenda-se que a experiência que estiver sendo desenvolvida nas disciplinas *Laboratório de Direção de Arte I e II* seja utilizada como campo de experimentação prático para estruturação do TCC, embora esteja preservada a autonomia de escolha do estudante, quanto a seu objeto de pesquisa, conforme aprovação do professor da disciplina e do orientador responsável. O trabalho de Conclusão de Curso em Direção de Arte pode ser desenvolvido em três eixos: 1) Projeção de um trabalho em caráter global, no qual todos os elementos da Direção de Arte estejam presentes, incluindo suas relações com a dramaturgia e a concepção de direção, contendo concepção plástico-visual e projetos gráficos/tridimensionais. Para este eixo, não é necessária a execução do projeto, embora ela possa ser contemplada, especialmente se o estudante estiver vinculando o TCC aos laboratórios. 2) Projeção e execução de um trabalho focal, no qual haja seleção de parte dos elementos do projeto global, como caracterização de personagens ou criação de cenário e/ou objetos cenográficos, com discussão conceitual sobre a proposta e seu processo de realização. 3) Trabalho de caráter monográfico ou de escrita performática no qual o estudante a) analise uma experiência sua ou de outro artista da Direção de Arte, ou b) realize uma discussão teórica/histórica academicamente embasada sobre determinado tema/aspecto da área.

#### **Bibliografia básica**

CAMARGO, Roberto Gill. *Conceito de iluminação cênica*. São Paulo: Música & Tecnologia, 2012.

HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC: SESC, 2014.

RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia*. São Paulo: SENAC, 2011.

VIANA, Fausto. *Figurino teatral e as renovações do século XX*. São Paulo: FAPESP, 2010.

#### **Bibliografia complementar**

BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BALARDIM, Paulo. *Relações de vida e morte no teatro de animação*. Porto Alegre: Edição do autor, 2004.

SERRONI, J. C. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: SESC, 2013.

WERNECK, Maria Helena e BRILHANTE, Maria João (org.). *Texto e imagem: estudos de teatro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001. (NT)

### **40. Trabalho de Conclusão de Curso II - TCC II** (32 h)

#### **Ementa**

Disciplina que dá continuidade aos trabalhos iniciados em *Trabalho de Conclusão de Curso I*. Elaboração da escrita e formato final do trabalho contendo as imagens e vídeos a ele relacionados, quando for o caso. A escrita final pode ter o caráter de: a) memorial descritivo de um processo criativo, desde que apresente a concepção da proposta e reflita sobre o processo de execução, quando for o caso; b) escrita performática relacionada a um processo criativo; c) texto monográfico, conforme os parâmetros descritos na ementa anterior. O trabalho final deverá ser avaliado por uma banca, em sessão pública de defesa do trabalho apresentado.

#### **Bibliografia básica**

CAMARGO, Roberto Gill. *Conceito de iluminação cênica*. São Paulo: Música & Tecnologia, 2012.

HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC: SESC, 2014.

RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia*. São Paulo: SENAC, 2011.

VIANA, Fausto. *Figurino teatral e as renovações do século XX*. São Paulo: FAPESP, 2010.

#### **Bibliografia complementar**

AMARAL, Ana Maria. *O ator e seus duplos*. São Paulo: SENAC, 2002.

CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro*. São Paulo: UNESP, 1997.

SERRONI, J. C. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: SESC, 2013.

WERNECK, Maria Helena e BRILHANTE, Maria João (org.). *Texto e imagem: estudos de teatro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001. (NT).

## **V. OPTATIVAS**

### **41. Produção Audiovisual** - 64h (disciplina optativa)

#### **Ementa**

Fundamentos, aproximações e interações entre imagem e som. Poéticas e narrativas audiovisuais – análise crítica e reflexões estéticas. Expressão e criatividade. Produção contemporânea e as novas interfaces – vídeo dança, teatro de imagens, vídeo instalação, vídeo performance. Laboratório de experimentação prática de produção audiovisual: etapas e procedimentos.

### **Bibliografia básica**

CAMPOS, F. de. *Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.  
DANCYGER, K. *Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.  
MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

### **Bibliografia complementar**

ANG, T. *Vídeo digital: uma introdução*. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.  
RODRIGUES, C. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.  
WATTS, H. *Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema*. São Paulo: Summus, 1999.

## **42. Cenografia no Brasil - 64h (disciplina optativa)**

### **Ementa**

Apresentação e análise histórica dos fundamentos teóricos e da produção estética nos campos da cenografia e da arquitetura cênica no Brasil, - notadamente a partir do marco inicial moderno, o trabalho de Thomás Santa Rosa para *Vestido de Noiva*, até as experimentações recentes - de maneira atrelada às transformações das artes cênicas e às novas formulações do espaço cênico, como forma de gerar subsídios para a compreensão crítica das transformações operadas e para o enfrentamento da concepção projetual do cenógrafo no contexto contemporâneo.

### **Bibliografia básica**

FERNANDES, S. *Teatralidades Contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2010.  
LIMA, E. F. W. (Org.). *Espaço e Teatro: do Edifício Teatral à Cidade como Palco*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.  
SERRONI, J. C. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: SESC, 2013.

### **Bibliografia complementar**

KATIZ, R. e HAMBURGER, A. (orgs.). *Flávio Império*. São Paulo: Edusp, 1999.  
MANTOVANI, A. *Cenografia*. São Paulo: Ática, 1989.  
SERRONI, J.C. *Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2002.  
SILVA, Mateus Bertone da. *Lina Bo Bardi: arquitetura cênica*. Dissertação de mestrado. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2004.  
SOUZA, N. de. *A roda, a engrenagem e a moeda: vanguarda e espaço cênico no teatro de Victor Garcia, no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2003.

## **43. Dramaturgia - 64h (disciplina optativa)**

### **Ementa**

Dramaturgia, conceitos e definições. Pressupostos do drama. A estrutura clássica do texto dramático. Discussão sobre o desenvolvimento do enredo e de seus componentes qualitativos. O drama como um divisor de águas. Propostas modernas e contemporâneas de composição da dramaturgia. A noção de opções dramatúrgicas. Estudo de diferentes formas da escrita teatral.

### **Bibliografia básica**

ESSLIN, Martin. *Uma anatomia do drama*. Trad. de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986. E-book disponível em: [http://webensino.unicamp.br/disciplinas/MU871220116/apoio/4/Anatomia\\_do\\_Drama\\_ESSLIN.pdf](http://webensino.unicamp.br/disciplinas/MU871220116/apoio/4/Anatomia_do_Drama_ESSLIN.pdf)  
PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: a construção do personagem*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.  
\_\_\_\_\_. *Introdução à dramaturgia*. São Paulo: Ática, 1988.

### **Bibliografia complementar**

- ABREU, Adélia Maria N. *Da cena ao texto: dramaturgia em processo colaborativo*. São Paulo, 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27139/tde-28092009-092332/pt-br.php>
- LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. Trad. de Pedro Sússekind. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naif, 2011.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno 1880-1950*. Trad. de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Drama em cena*. Trad. de Rogério Bettoni. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

## **44. Encenação Teatral** - 64h (disciplina optativa)

### **Ementa**

A disciplina permite ao estudante compreender o papel do encenador e como se opera a interface com a equipe de Direção de Arte, exercitando e avaliando os meios através dos quais se constrói a unidade estética do espetáculo. Para tanto, é fundamental que haja coerência entre a proposta de encenação, o trabalho de preparação dos atores e a concepção e execução dos componentes materiais da cena.

### **Bibliografia básica**

- BRECHT, B. *Estudos sobre o teatro*. (trad. Fiama Hasse Pais Brandão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BROOK, P. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- ROUBINE, J. J. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

### **Bibliografia complementar**

- GROTOWSKI, J. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- PAVIS, P. *A encenação contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ROUBINE, J. J. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- STANISLAVSKI, C. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- WEKWERTH, M. *Diálogo sobre a encenação: um manual de direção teatral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

## **45. Introdução à Fotografia** - 64h (disciplina optativa)

### **Ementa**

A natureza da imagem e a imagem fotográfica. Definições e tipos de imagens técnicas. Composição e estética fotográfica. Tipos e elementos componentes de câmeras fotográficas. Profundidade de campo, foco seletivo, velocidade e objetivas para o manuseio de uma câmera fotográfica profissional. Captação. Exercícios práticos de produção imagética fotográfica.

### **Bibliografia Básica**

- LIMA, I. *A fotografia é a sua linguagem*. Ed. Espaço e Tempo. Rio de Janeiro: RJ, 1988.
- MAGALHÃES, A., PEREGRINO, N. *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- RAMALHO, J. A.; PALACIN, V. *Escola de fotografia*. São Paulo: Futura, 2004.
- SENAC. DN. *Fotografo: o olhar, a técnica e o trabalho*. Rose Zuanetti; Elizabeth Real, Nelson Martins et AL. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2002.

### **Bibliografia complementar**

- BENJAMIN, W. A pequena história da fotografia. In: *Obras Escolhidas (vol.1)*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRITO, J. B. *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.  
BUSSELLE, M. *Tudo sobre fotografia*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1979.  
DUBOIS, P. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1994.  
FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

#### **46. Imaginário Étnico Brasileiro** - 64h (disciplina optativa)

##### **Ementa**

Leitura e análise de narrativas míticas e simbólicas presentes na cultura brasileira, a partir do entrecruzamento de sua tríplice raiz: indígena, africana e europeia. Seguindo abordagem fenomenológica, no campo da imaginação simbólica, faz uso de materiais de caráter artístico, religioso, mítico e místico da cultura greco-romana, afro-brasileira e indígena. Campo de desenvolvimento das faculdades mito-poéticas e imaginativas de reflexão, fundamentais para a formação artística do profissional.

##### **Bibliografia básica**

ESPÍRITO SANTO, Maria Inez. *Vasos sagrados: mitos indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.  
VERGER, Pierre. *Orixás*. Salvador: Corrupio, 2009.  
VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Martins, 2006.

##### **Bibliografia complementar**

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.  
HILLMAN, James. *O sonho e o mundo das trevas*. Petrópolis: Vozes, 2012.  
JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.  
LIGIÉRO, Zeca. *Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.  
RISÉRIO, Antônio. *Oriki orixá*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

#### **47. Introdução à Língua Brasileira de Sinais** - 64h (disciplina optativa)

##### **Ementa**

Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Concepções sobre a Língua de Sinais. O surdo e a sociedade.

##### **Bibliografia básica**

FELIPE, T.; MONTEIRO, M.S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.  
PEREIRA, M. C. C., D. (et alli). *LIBRAS – conhecimento além dos sinais*. São Paulo: Pearson, 2011.  
PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. *Curso de LIBRAS 1 – Iniciante*. 3ª ed. Porto Alegre: Pallotti, 2008.

##### **Bibliografia complementar**

ALMEIDA, E. C., DUARTE, P. M. *Atividades ilustradas em sinais da LIBRAS*. São Paulo: Revinter, 2004.  
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.  
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*, v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2010.  
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (ed). *Enciclopédia da língua de sinais brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.  
GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

#### **48. Narrativas do Imaginário (Disciplina de Tema Variado)** - 64h (disciplina optativa)

##### **Ementa**

Disciplina de tema variado voltada para a leitura e análise de narrativas míticas e simbólicas da história artística, religiosa e cultural de diversas civilizações, segundo a abordagem fenomenológica dos estudos do imaginário, da psicologia arquetípica e da filosofia da religião. Através da leitura e estudo das bases simbólicas destas narrativas, busca-se estimular o desenvolvimento de uma reflexão imaginativa, rica para o desenvolvimento artístico do indivíduo.

##### **Bibliografia básica**

ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.  
HILLMAN, James. O sonho e o mundo das trevas. Petrópolis: Vozes, 2012.  
LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. Dioniso no exílio. São Paulo: Paulus, 2002.

##### **Bibliografia complementar**

BACHELARD, G. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.  
CAMPBELL, Joseph, com Bill Moyers (org.). O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.  
DURAND, G. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.  
FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 2001.  
JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.

#### **49. Trilha Sonora** - 64h (disciplina optativa)

##### **Ementa**

Propriedades do som e fundamentos de acústica musical. Elementos fundamentais da linguagem musical. Articulação entre som e cena. Acompanhamento musical da cena e do espetáculo. Captação e registro em estúdio e ambiente externo. Técnicas de mixagem e edição. Mesa de som e operação.

##### **Bibliografia básica**

CARRASCO, Ney. *Trilha Musical: Música e Articulação Fílmica*. Dissertação: USP, 1993.  
CHION, Michel; GORBMAN, Claudia e MURCH, Walter. *Audio-Vision: Sound on Screen*. New York: Columbia University Press, 1994.  
GORBMAN, Claudia. *Unheard Melodies: Narrative Film Music*. London; Bloomington: BFI Pub. ; Indiana University Press, 1987.  
ROSSING, Thomas. *The Science of sound*. Univ. Illinois: Addison-Wesley, 1990.  
VALLE, Solon. *Manual Prático de Acústica*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009.  
VALLE, Solon. *Microfones*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2002.

##### **Bibliografia complementar**

MATOS, Eugênio. *A arte de compor música para cinema*. Brasília: Senac, 2014.  
TRAGTEMBERG, Lívio. *Música de Cena*, São Paulo: Perspectiva, 1999.  
WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

#### **50. Música em Cena** - 64h (disciplina optativa)

##### **Ementa**

Panorama histórico da música europeia ocidental: Idade Média, Renascença, Barroco, Classicismo, Romantismo e Século XX. Música absoluta, música programática e música incidental. Música em drama: gêneros teatrais - ópera, opereta, teatro musical (Teatro

de Revista, Comédie Musicale) e mágicas. Música no Cinema: função narrativa/elemento estético. Estudo dos parâmetros musicais. Elementos da linguagem musical. Apreciação musical, oficinas de criação/improvisação musical aplicadas à cena.

### **Bibliografia básica**

- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora/INL, 1975.
- BERCHMANS, Tony. *A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- CARRASCO, Ney. *Sygkhronos: a formação da poética musical do cinema*. São Paulo: Via Lettera: Fapesp, 2003.
- MATTOS, Prof. Fernando Lewis de. *Análise Musical I - Apostila*. Disponível em: [http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Matos-Apostila\\_Analise\\_1.pdf](http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Matos-Apostila_Analise_1.pdf). Porto Alegre: Instituto de Artes, Departamento de Música - UFRGS, agosto de 2006. Acesso em: 17/10/2015.

### **Bibliografia complementar**

- GROUT, Donald e PALISCA, Claude. *História da música ocidental*. Lisboa: Gradiva, 1994.
- FREIRE, Vanda Bellard. *O mundo maravilhoso das mágicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2011.
- KIEFER, B. *Elementos de linguagem musical*. 3ª ed. São Paulo: Movimento, 1979.
- MEDAGLIA, Júlio. *Música impopular*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- TRAGTENBERG, L. *Música de cena*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1999.

## **51. Objetos e Adereços - 64h (disciplina optativa)**

### **Ementa**

Noções básicas e estudos sobre objetos de cena, acessórios e adereços. Coerência estética dos adereços com a cenografia e o figurino. Relações entre os adereços e a performatividade do ator. O objeto e a dramaturgia de cena.

### **Bibliografia básica**

- CORTINHAS, Rosângela. *Figurino: um objeto sensível na produção do personagem*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27280> último acesso em 14/02/2017.
- GOMES FILHO, João. *Design do objeto: bases conceituais*. São Paulo: escrituras Editora, 2006.
- RIOS, Rafael. *Teatro com: materiais ressignificados na imagem teatral*. São Paulo: Odisseus. 2011

### **Bibliografia complementar**

- CATELLANI, R. M. *Moda Ilustrada de A a Z*. Barueri: Manole, 2003.
- CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos - Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- GOMES FILHO, J. *Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- PAIVA, Sônia. *Encenação: percurso pela criação, planejamento e produção teatral*. Brasília: UnB, 2011.
- UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane (orgs). *Diário de pesquisadores: Traje de cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2012.



## **1. Vídeo Arte - 64h (Disciplina Optativa)**

### **Ementa**

Desafios e proposições estéticas da imagem em movimento. Modos de ver, pensar e produzir visualidades a partir da assimilação de linguagens audiovisuais. Mapeamento, contextualização e análise crítica da produção de vídeo arte, assim como de suas interfaces e porosidades conceituais. Experimentações e configurações de poéticas audiovisuais. A performatividade da imagem e do som. Exercícios práticos de produção e comunicação através da vídeo arte.

### **Bibliografia básica**

DELEUZE, G. *Cinema 1: A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.  
MACIEL, K. *Transcínemas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.  
MACIEL, K. e PARENTE, A. (orgs.). *Redes Sensoriais: arte, ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.  
MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

### **Bibliografia complementar**

ARMES, R. *On Vídeo - Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação*. Editora Summus, 1999.  
DELEUZE, G. *Cinema 2: A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.  
DURAND, G. *O imaginário - ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2004.  
COCHIARALLE, F. e PARENTE, A. *Filmes de artista, Brasil 1965-80*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2007.  
MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.  
MARTÍN-BARBERO, J., REY, G. *Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2001.

**d) Sugestão de fluxo curricular**

<b>1º PERÍODO</b>			
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CH T</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>NÚCLEO</b>
Fundamentos e Métodos da Pesquisa Acadêmica em Artes	32	Obrigatória	Comum
Cultura e Sociedade	64	Obrigatória	Comum
Introdução à Direção de Arte	32	Obrigatória	Comum
História e Teoria do Teatro I	64	Obrigatória	Comum
Desenho I	48	Obrigatória	Comum
Princípios da Linguagem Visual	48	Obrigatória	Comum
Plástica	64	Obrigatória	Comum
Carga horária do período	352		

<b>2º PERÍODO</b>			
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CHT</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>NÚCLEO</b>
Análise do Texto Dramático	32	Obrigatória	Comum
História e Teoria do Teatro II	64	Obrigatória	Comum
História e Teoria da Arte I	32	Obrigatória	Comum
Desenho II	48	Obrigatória	Comum
Materiais e Meios Bidimensionais	64	Obrigatória	Comum
Materiais e Meios Tridimensionais	64	Obrigatória	Comum
Introdução à Construção do Espaço Cênico	48	Obrigatória	Específico
Carga horária do período	352		
Carga horária acumulada	704		

<b>3º PERÍODO</b>			
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CHT</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>NÚCLEO</b>
História e Teoria do Teatro III	64	Obrigatória	Comum
História e Teoria da Arte II	32	Obrigatória	Comum
História e Teoria da Dança	32	Obrigatória	Comum
Desenho III	48	Obrigatória	Comum
Representação Gráfica I	64	Obrigatória	Comum
Cenografia e Espaço Teatral I	64	Obrigatória	Específico
Introdução à Caracterização do Ator	48	Obrigatória	Específico
Carga horária do período	352		
Carga horária acumulada	1.056		

<b>4º PERÍODO</b>			
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CHT</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>NÚCLEO</b>
História e Teoria do Teatro IV	64	Obrigatória	Comum
Representação Gráfica II	64	Obrigatória	Comum
Cenografia e Espaço Teatral II	48	Obrigatória	Específico
Iluminação, Projeções e Efeitos I	64	Obrigatória	Específico
Figurinos e Adereços I	64	Obrigatória	Específico
Oficina de Teatro de Máscaras	48	Obrigatória	Específico
Carga horária do período	352		
Carga horária acumulada	1.408		

5º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Teatro Brasileiro	64	Obrigatória	Comum
Iluminação, Projeções e Efeitos II	48	Obrigatória	Específico
Figurinos e Adereços II	48	Obrigatória	Específico
Maquiagem, Cabelos e Postiços I	64	Obrigatória	Específico
Oficina de Teatro de Formas Animadas	64	Obrigatória	Específico
Núcleo Livre I	64	Optativa	-
Carga horária do período	352		
Carga horária acumulada	1.760		

6º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Políticas, Legislação e Projetos Culturais	48	Obrigatória	Comum
Teatro Goiano	64	Obrigatória	Comum
Maquiagem, Cabelos e Postiços II	48	Obrigatória	Específico
Fundamentos e Métodos de Pesquisa e Projeto em Direção de Arte	64	Obrigatória	Específico
Núcleo Livre II	64	Optativa	-
Optativa I	64	Optativa	-
Carga horária do período	352		
Carga horária acumulada	2.112		

7º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Trabalho de Conclusão de Curso I	64	Obrigatória	Específico
Laboratório de Direção de Arte I	64	Obrigatória	Específico
Optativa II	64	Optativa	-
Carga horária do período	192		
Carga horária acumulada	2.304		

8º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Trabalho de Conclusão de Curso II	32	Obrigatória	Específico
Laboratório de Direção de Arte II	96	Obrigatória	Específico
Optativa III	64	Optativa	-
Carga horária do período	192		
<b>Carga horária final</b>	<b>2.496</b>		

e) Representação gráfica da sugestão de fluxo curricular

GRADE CURRICULAR DE DIREÇÃO DE ARTE - BACHARELADO									
Horas Semanais = Amarelo = 2 horas / Azul = 3 horas / Vermelho = 4 horas / Verde = 6 horas									
SEQUENCIAS	1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO	5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO	8º PERÍODO	TOTAL
<b>HISTÓRIA E TEORIA</b>	<b>Cultura e Sociedade</b> 64 HORAS	x	x	x	x	<b>Políticas, Legislação e Projetos Culturais</b> 48 HORAS	x	x	<b>656 H</b>
	<b>Introdução à Direção de Arte</b> 32 HORAS	<b>Análise do Texto Dramático</b> 32 HORAS	x	x	x	x	x	x	
	<b>História e Teoria do Teatro I</b> 64 HORAS	<b>História e Teoria do Teatro II</b> 64 HORAS	<b>História e Teoria do Teatro III</b> 64 HORAS	<b>História e Teoria do Teatro IV</b> 64 HORAS	<b>Teatro Brasileiro</b> 64 HORAS	<b>Teatro Goiano</b> 64 HORAS	x	x	
	x	<b>História e Teoria da Arte I</b> 32 HORAS	<b>História e Teoria da Arte II</b> 64 HORAS	x	x	x	x	x	
<b>REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM</b>	<b>Desenho I</b> 48 HORAS	<b>Desenho II</b> 48 HORAS	<b>Desenho III</b> 48 HORAS	x	x	x	x	x	<b>512 H</b>
	<b>Princípios da Linguagem Visual</b> 48 HORAS	<b>Materiais e Meios Bidimensionais</b> 64 HORAS	<b>Representação Gráfica I</b> 64 HORAS	<b>Representação Gráfica II</b> 64 HORAS	x	x	x	x	
	<b>Plástica</b> 64 HORAS	<b>Materiais e Meios Tridimensionais</b> 64 HORAS	x	x	x	x	x	x	
<b>CONCEPÇÃO E PROJETO</b>	x	<b>Introdução à Construção do Espaço Cênico</b> 48 HORAS	<b>Cenografia e Espaço Teatral I</b> 64 HORAS	<b>Cenografia e Espaço Teatral II</b> 48 HORAS	x	x	x	x	<b>656 H</b>
	x	x	x	<b>Iluminação, Projeções e Efeitos I</b> 64 HORAS	<b>Iluminação, Projeções e Efeitos II</b> 48 HORAS	x	x	x	
	x	x	<b>Introdução à Caracterização do Ator</b> 48 HORAS	<b>Figurinos e Adereços I</b> 64 HORAS	<b>Figurinos e Adereços II</b> 48 HORAS	x	x	x	
	x	x	x	x	<b>Maquiagem, Cabelos e Postiços I</b> 64 HORAS	<b>Maquiagem, Cabelos e Postiços II</b> 48 HORAS	x	x	
	x	x	x	<b>Oficina de Teatro de Máscaras</b> 48 HORAS	<b>Oficina de Teatro de Formas Animadas</b> 64 HORAS	x	x	x	
<b>PESQUISA E TCC</b>	<b>Fundamentos e Métodos da Pesquisa Acadêmica em Artes</b> 32 HORAS	x	x	x	x	<b>Fundamentos e Métodos da Pesquisa e Projeto em Direção de Arte</b> 64 HORAS	<b>TCC I</b> 64 HORAS	<b>TCC II</b> 32 HORAS	<b>352 H</b>
							<b>Laboratório de Direção de Arte I</b> 64 HORAS	<b>Laboratório de Direção de Arte II</b> 96 HORAS	
<b>OPTATIVAS</b>	x	x	x	x	x	<b>Optativa I</b> 64 HORAS	<b>Optativa II</b> 64 HORAS	<b>Optativa III</b> 64 HORAS	<b>192 H</b>
<b>NÚCLEO LIVRE</b>	x	x	x	x	<b>Núcleo Livre</b> 64 HORAS	<b>Núcleo Livre</b> 64 HORAS	x	x	<b>128 H</b>

<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>AULAS</b>	<b>352 H</b>	<b>352 H</b>	<b>352 H</b>	<b>352 H</b>	<b>352H</b>	<b>352 H</b>	<b>192 H</b>	<b>192 H</b>	<b>2.496 H</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>2.496 H. DISCIPLINAS (2.176h. da grade + 192h. Optativas + 128h. Núcleo Livre) + 200 H. ATIVIDADES COMPLEMENTARES = 2.696 HORAS</b>								

#### **f) Prática como componente curricular**

Este item diz respeito apenas aos cursos de licenciatura. Por outro lado, cumpre observar que, no caso do curso de Direção de Arte – Bacharelado, o total de prática como componente curricular mostra-se bastante acentuado, conforme especificação da carga horária prática na planilha da matriz curricular e descrição do perfil das disciplinas, no ementário, garantindo uma sólida formação ao profissional, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos, de forma não dicotômica.

#### **g) Atividades complementares**

Para integralização do curso, o aluno necessitará comprovar pelos menos 200h em Atividades Complementares (AC), realizadas ao longo do curso, em atendimento ao Art. 5º, § 7º, II, do Regimento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG, a saber, a seguinte definição:

“Entende-se por atividades complementares a participação sem vínculo empregatício, em pesquisas, conferências, seminários, palestras, congressos, debates e outras atividades científicas, artísticas e culturais”.

Como critérios para validação dos certificados apresentados e das respectivas atividades por eles comprovadas, determina-se que as horas de uma determinada atividade, a serem contadas como válidas, NÃO poderão estar computadas na carga horária de qualquer disciplina da matriz curricular, de modo a evitar duplicação equivocada de carga-horária.

## **VII. POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR NÃO OBRIGATÓRIO**

O Curso de Direção de Arte prevê, segundo interesse do aluno, a possibilidade de realização de *Estágio Curricular não Obrigatório* desde o 1º semestre letivo do Curso. Tal atividade está em concordância com a política de estágios da UFG, definidas pelo RCGC e em conformidade com a Lei 11788/2008. Nessas circunstâncias, o seguro contra acidentes pessoais ficará ao encargo da Instituição concedente que, por sua vez, deverá estar devidamente conveniada junto à UFG.

O Curso de Direção de Arte não ofertará *Estágio Curricular Obrigatório* posto que sua nova Matriz Curricular, aliada às atividades de Pesquisa e Extensão, propiciará ao estudante o exercício, constante e orientado, de procedimentos conceituais e técnicos relacionados à realidade da profissão, integrando teoria e prática na reflexão, concepção, projeção e execução de cenários, objetos, iluminação, projeções e efeitos cênicos (eixo da construção do espaço cênico) e figurinos, adereços, maquiagens, cabelos e postigos cênicos (eixo de caracterização do ator), bem como de máscaras e formas animadas.

Tais atividades serão vivenciadas por todos os alunos, totalizando um conjunto de 12 disciplinas de núcleo específico (conforme Matriz Curricular), relacionadas a práticas específicas de cada um dos campos de saber abarcados neste Projeto Pedagógico de Curso. Estas atividades estão estruturadas de forma orgânica no curso, sendo reforçadas nos dois últimos períodos, previstos no fluxo curricular, especialmente naquelas integradas ao Trabalho de Conclusão de Curso.

O novo perfil do Trabalho de Conclusão de Curso aqui apresentado, portanto, prevê atividades ligadas à prática profissional, que perfazem um total de 256 horas, dentro das quais os alunos devem conceber, projetar e também executar, em pelo menos um dos eixos mencionados, todos os componentes plástico-visuais de uma encenação teatral real, desenvolvida pelo Curso de Teatro da EMAC-UFG, ou em projetos de pesquisa/extensão da área de Artes da Cena. Nesse processo objetivo de concepção, projeção e execução de trabalho de Direção de Arte, o estudante deve, obrigatoriamente, concluir seu trabalho com a apresentação pública do espetáculo.

No que se refere ao estágio não obrigatório, todas as normativas devem ser consultadas no documento específico disponibilizado no portal da Pró-reitora de Graduação da UFG.





### **VIII. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

O curso de Direção de Arte possui um eixo de desenvolvimento para o *Trabalho de Conclusão* estruturado em 02 (duas) disciplinas, ofertadas no sétimo e oitavo período respectivamente, conforme sua numeração, em sistema de pré-requisito: 1) *Trabalho de Conclusão de Curso I*; 2) *Trabalho de Conclusão de Curso II*. No mesmo período, o estudante estará cursando as disciplinas Laboratório de Direção de Arte I e II, que buscam concentrar experiências amplas na prática de projeção e execução de trabalhos na área, em atividades desenvolvidas no âmbito da UFG, podendo haver vínculo com processos artísticos realizados em outros cursos da UFG, do campo das Artes da Cena. Sugere-se que o estudante utilize estes laboratórios como campo prático de pesquisa para realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso, embora mantenha-se espaço para liberdade de escolha do discente, que poderá realizar seu TCC de modo independente, a partir de outro objeto, desde que em concordância com o professor da disciplina e com o professor orientador de TCC.

O curso de Direção de Arte possui um eixo de desenvolvimento para o Trabalho de Conclusão estruturado em 02 (duas) disciplinas, ofertadas no sétimo e oitavo períodos respectivamente, conforme sua numeração, em sistema de pré-requisito: 1) Trabalho de Conclusão de Curso I; 2) Trabalho de Conclusão de Curso II. Nos mesmos períodos, o estudante estará cursando as disciplinas Laboratório de Direção de Arte I e II, que buscam concentrar experiências amplas na prática de projeção e execução de trabalhos na área, em atividades desenvolvidas no âmbito da UFG, podendo haver vínculo com processos artísticos realizados em outros cursos da UFG, do campo das Artes da Cena. Sugere-se que o estudante utilize estes laboratórios como campo prático de pesquisa para realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso, embora mantenha-se espaço para liberdade de escolha do discente, que poderá realizar seu TCC de modo independente, a partir de outro objeto, desde que em concordância com o professor da disciplina e com o professor orientador de TCC.

Os estudos desenvolvidos nestas quatro disciplinas (Trabalho de Conclusão de Curso I e II; Laboratório de Direção de Arte I e II) visam encerrar com diversidade e complexidade os aprendizados no curso, de modo que, mesmo decidindo por realizar um TCC em âmbito teórico, o estudante desenvolverá experiências práticas complexas capazes de estabelecer importante lastro em sua formação, como encerramento das experiências e conhecimentos teórico-práticos acumulados ao longo do curso. As disciplinas laboratoriais serão totalmente voltadas para concepção, projeção e execução de projetos de direção de arte.

Optou-se pelo uso de pré-requisito para Laboratório de Direção de Arte II, considerando haver nexo de relação de acúmulo de experiência pelo estudante em Laboratório de Direção de Arte I, fundamental para a realização da disciplina seguinte. Do mesmo modo, foram estabelecidos diversos pré-requisitos (cf. Matriz curricular) para Trabalho de Conclusão de Curso I, para que o estudante não possa avançar para o TCC, antes de ter concluído a formação necessária a sua realização. Também a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, que constitui a conclusão do trabalho iniciado em Trabalho de Conclusão de Curso I, não pode ser cursada antes desta, assim como considera-se fundamental que tenha havido aprovação em Laboratório de Direção de Arte I, que constitui campo prático de experiência fundamental à boa realização e conclusão do TCC.

A disciplina Fundamentos e Métodos da Pesquisa e Projeto em Direção de Arte tem ligação indireta com as disciplinas Laboratório de Direção de Arte I e II, e Trabalho de Conclusão de Curso I e II, porque através dela o estudante aprende a planejar sistematicamente o processo de elaboração de projeto profissional, no âmbito da Direção de Arte, capacitando-o a realizar adequadamente as disciplinas laboratoriais e o TCC.

O Trabalho de Conclusão de Curso de Direção de Arte, subdividido assim em duas disciplinas, tem por objetivo a qualificação profissional, capacitando o estudante a:

- a) identificar, discutir e equacionar problemas teóricos, práticos e/ou metodológicos que envolvam a área de estudo do curso;
- b) correlacionar conhecimentos e questões na área de estudo;
- c) contribuir para a produção de novos conhecimentos e para a pesquisa em grupo e em rede;
- d) elaborar e executar projetos de pesquisa em Direção de Arte, bem como divulgar publicamente os seus resultados;
- e) contribuir para a produção e sistematização de um conhecimento comprometido com a realidade do cerrado e do centro-oeste brasileiro.
- f) investigar temas e solucionar problemas de pesquisa reconhecidamente voltados para o campo da Direção de Arte, frente às demandas da sociedade contemporânea, de modo a poder assumir uma postura crítica e responsável em pesquisas e projetos artísticos.

O Trabalho de Conclusão de Curso em Direção de Arte será administrado estruturalmente pelo estudante, por seu orientador de pesquisa, pelos professores das

disciplinas, pelo coordenador de curso, pelo Núcleo Docente Estruturante e pela secretaria do curso.

Compete ao estudante:

- I. escolher seu orientador de pesquisa e colher a assinatura deste em termo de aceite, a ser depositado na secretaria de curso;
- II. definir, junto ao professor orientador escolhido, seu projeto de pesquisa e o cronograma de desenvolvimento da mesma;
- III. apresentar ao professor da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, em seminário de pesquisa e em forma escrita, seu projeto de pesquisa;
- IV. realizar o depósito (virtual ou material, conforme acerto com a banca de avaliação) de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que será defendido em seção pública realizada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, com no mínimo 10 (dez) dias de antecedência da ocorrência da defesa;
- V. desenvolver, com auxílio do professor orientador, sua pesquisa, e defender o trabalho final em Banca de Avaliação, na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Compete ao professor responsável pela disciplina:

- I. realizar seminários de metodologia de pesquisa em Direção de Arte;
- II. sugerir orientadores de pesquisa para livre escolha dos estudantes;
- III. acompanhar o desenvolvimento das pesquisas dos estudantes, de modo individual ou em grupos, apresentando normas acadêmicas, possibilidades de formatos e configurações dos trabalhos de conclusão de curso;
- IV. organizar e coordenar as bancas de avaliação e seminários regulares de apresentação dos resultados de pesquisa;
- V. atribuir a primeira nota (de 0 a 10) das disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II, conforme a pesquisa em andamento e sua apresentação em Seminário de Pesquisa previamente agendado com a turma;
- VI. atribuir uma segunda nota (de 0 a 10) para Trabalho de Conclusão de Curso I, a partir da evolução da pesquisa em relação ao que foi apresentado no primeiro seminário.

Compete ao professor orientador de pesquisa de TCC:

- I. definir, juntamente com o orientando, o plano individual de trabalho e propor as modificações que se fizerem necessárias;

- II. sugerir ao orientando o formato de seus estudos laboratoriais e, quando necessário, estudos adicionais programados e outras atividades julgadas convenientes;
- III. sugerir disciplinas optativas a serem cursadas pelo orientando;
- IV. propor ao estudante o cancelamento da matrícula na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I ou II, se identificar que o andamento da pesquisa não apresenta indicativos de conclusão no prazo necessário;
- V. definir, em diálogo com o estudante, a composição da banca de defesa de TCC, sua data/horário de realização, conforme o cronograma geral da disciplina;
- VI.** presidir a banca de avaliação.

Compete a cada membro da Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso II:

- I. arguir e apresentar avaliação oral do trabalho apresentado pelo estudante;
- II. contribuir com a pesquisa apresentada, com apontamentos, comentários, questionamentos, sugestões, e, se necessário, correções;
- III. atribuir nota de 0 a 10 ao trabalho apresentado.

Compete ao coordenador de curso, no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso:

- I. acompanhar e auxiliar o professor da disciplina e os orientadores de cada pesquisa;
- II. elaborar, em conjunto com o NDE, o formulário de avaliação de TCC;
- III. decidir sobre casos omissos deste Projeto Pedagógico de Curso.

Compete à secretaria de curso:

- I. fornecer e arquivar toda a documentação necessária para o compromisso de orientação entre orientadores e estudantes;
- II. fornecer ao professor orientador os formulários para avaliação de TCC, as atas de defesa e os certificados de orientação e de participação dos professores nas bancas de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso;
- III. atuar como órgão de apoio à coordenação, aos professores orientadores e aos professores das disciplinas.

Compete ao Núcleo Docente Estruturante do curso:

I. discutir, avaliar e propor melhorias ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

O orientador poderá ser substituído, a seu pedido, e o orientando poderá, mediante requerimento fundamentado à Coordenação, solicitar substituição de orientador, durante o seu curso.

Poderá ser professor da disciplina qualquer docente da unidade acadêmica do curso de Direção de Arte, com formação na área de Artes da Cena.

Poderá ser orientador de pesquisa qualquer docente do curso de Direção de Arte, ou seja qualquer professor que já tenha lecionado disciplina no curso a qualquer tempo, possuindo vínculo administrativo com qualquer unidade acadêmica da UFG.

De forma extraordinária, será admitido que um docente que não integre o quadro docente do curso, ou seja, que nunca tenha ministrado disciplina no curso, assuma a função de orientador de pesquisa, desde que comprovada sua pertinência acadêmica na orientação da pesquisa em questão e sob aprovação do Coordenador do Curso.

Poderão compor as bancas de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso II quaisquer docentes da Universidade Federal de Goiás ou de outras universidades, segundo o critério de indicação do aluno e/ou orientador de pesquisa.

Extraordinariamente, poderão compor as bancas de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso profissionais ligados à área de Artes da Cena que não tenham vínculo com a UFG ou outra universidade, desde que possua diploma de nível superior e essa participação contemple os princípios pedagógicos do presente Projeto Pedagógico.

A avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso I será realizada da seguinte forma:

I. a primeira nota será atribuída apenas pelo professor de Trabalho de Conclusão de Curso I, mediante leitura e avaliação da pesquisa apresentada no primeiro seminário de pesquisa realizado na disciplina;

II. a segunda nota será atribuída conforme avaliação da evolução do trabalho no segundo seminário de pesquisa.

A avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso II será realizada da seguinte forma:

I. a primeira nota será atribuída apenas pelo professor da disciplina, mediante o desenvolvimento da pesquisa e desempenho do estudante no primeiro seminário de pesquisa da disciplina;

II. a segunda nota será atribuída pelos membros da banca de avaliação, que será composta pelo professor orientador (presidente da banca) e pelo menos dois outros membros convidados. Esta nota será obtida através da média aritmética entre as notas atribuídas pelos membros da banca de avaliação;

III. ao final da banca, o professor orientador fará a leitura do relatório final de avaliação, proferindo publicamente apenas a média das notas atribuídas;

IV. as bancas de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de todos os estudantes matriculados constituirá o segundo seminário de pesquisa da disciplina, sendo este de caráter necessariamente público.

## **IX. INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

A integração ensino, pesquisa e extensão constitui alicerce fundamental da Universidade, favorecendo a formação profissional em todas as suas dimensões: culturais, científicas e humanas. Uma vez que a condição elementar da atividade artística é o contato com o público, a área das artes da cena ocupa um papel privilegiado no Ensino Acadêmico, pois é indissociável o vínculo entre a produção acadêmica nos campos do ensino e da pesquisa, com a sociedade que é responsável pela sua existência e manutenção, por meio da extensão.

O curso de Direção de Arte buscará fomentar mecanismos institucionais que permitam avançar o processo de integração, num primeiro momento, entre os demais cursos ligados à área das artes da cena (teatro e dança) e, num segundo momento, aos outros cursos da Universidade Federal de Goiás, bem como aos diversos setores da sociedade. Estes mecanismos serão sistematizados na forma de mini-cursos, eventos, prestação de serviços, projetos e programas que englobem diversas ações e suas produções acadêmicas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

O curso de Direção de Arte terá como foco o fortalecimento dos mecanismos pedagógicos de conhecimento, investigação e experimentação por meio de iniciativas que combinem a vocação do curso, as potencialidades da instituição e as demandas da sociedade. O curso, através da articulação de sua área de atuação com a sociedade, orientará seus encaminhamentos de ensino, pesquisa e extensão captando as demandas delineadas e definirá prioridades para seu conjunto de ações ligadas ao ensino e à pesquisa.

Em seus programas de extensão, o curso de Direção de Arte apoiará os projetos que tenham como princípio a formação no campo das artes da cena conectado à busca de alternativas visando à extensão universitária como processo educativo, cultural e científico que, articulado ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, viabilizará a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. As atividades de ensino, pesquisa e extensão serão direcionadas para incentivar, por meio da arte, a valorização de propostas multiculturais caracterizadas pelo pluralismo e diversidade cultural; à relevância social, econômica e política dos problemas abordados; os objetivos e resultados alcançados e a apropriação, utilização e reprodução do conhecimento envolvido.

As ações de extensão serão orientadas na direção de desenvolver iniciativas com objetivos de fortalecer e combinar as potencialidades do curso em diálogo com a sociedade, ampliando parcerias e intercâmbios com instituições de cultura local,

regional, nacional e internacional. Assim também, será considerada a relevância acadêmica e social, a interdisciplinaridade e a relação dialógica com os setores sociais. A sistematização das ações de extensão deverá fomentar práticas interdisciplinares capazes de envolver diversas unidades acadêmicas e parcerias entre instituições.

Este curso compreende as pautas da extensão como ações que percorrem três grandes objetivos: (a) integrar ensino e pesquisa na busca de soluções alternativas para problemas e aspirações da comunidade; (b) organizar, apoiar e acompanhar ações que visem à interação da universidade com a sociedade, gerando benefícios para ambas; e c) incentivar a produção cultural da comunidade acadêmica e comunidades circunvizinhas.

A partir destas referências, a extensão será desenvolvida no sentido de organizar, apoiar e acompanhar ações voltadas para a educação dos cidadãos, evidenciando o compromisso institucional para a estruturação e efetivação das atividades de interação da Universidade com a sociedade.



## **X. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

O Curso de Direção de Arte considera como fator essencial na situação de ensino-aprendizagem o envolvimento e participação coletiva dos alunos nas atividades teórico-práticas referentes às disciplinas que compõem a estrutura curricular. O processo avaliativo levará em conta a evolução da capacidade de reflexão e produção intelectual, assim como a concepção e elaboração de projetos de ordem prática, com vistas à obtenção de maturidade artística.

O aluno será submetido a diversos mecanismos de avaliação, de forma contínua e em concordância com a natureza das disciplinas, através dos seguintes procedimentos:

- . Leitura de bibliografia de referência e apoio básico e complementar;
- . Fichamento de leituras;
- . Relatórios de concepção e registro de pesquisa, poéticas e processos projetuais, sistematizando as atividades práticas desenvolvidas pelo aluno;
- . Apresentação e defesa oral dos projetos de criação para as disciplinas práticas;
- . Apresentação de produtos – croquis, desenhos finais, modelos tridimensionais processuais ou finais, desenhos técnicos, fotografias, arquivos ou plataformas digitais – das investigações referentes às atividades práticas;
- . Atividades dissertativas, ensaísticas, de fundamentação, estudo e análise dos trabalhos concebidos e das metodologias abordadas;
- . Seminários;
- . Aulas expositivas e expositivas dialogadas;
- . Visitas didáticas à cidades, espaços e instituições de interesse para área de Artes da Cena com desenvolvimento de atividades pedagógicas ou de instrução;
- . Provas objetivas e discursivas.

Atendendo a determinações do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação, da Universidade Federal de Goiás, Artigos 23 e 26 e §§ / Resolução – CEPEC 806, Artigo 32, §§ 2º, 3º, 4º e 7º o aluno do Curso de Direção de Arte será considerado aprovado numa disciplina quando obtiver média final igual ou maior que seis (seis) e tiver frequência mínima em 75% da carga horária de aulas da mesma, conforme disposição determinada no RGCG.

## **XI. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO**

A avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Direção de Arte, em atendimento àquilo que prevê o RGCG/UFG, será realizada no início de cada semestre letivo durante o Planejamento Pedagógico do curso; através das reuniões do Núcleo Docente Estruturante (NDE); e por meio das Avaliações Institucionais, do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Esses mecanismos devem ser norteadores para a gestão acadêmica do curso a fim de identificar as eventuais correções de rumo e definindo as pautas presentes em iniciativas tais como:

- . Realização de seminários abertos de avaliação, com participação da comunidade acadêmica;

- . Avaliação periódica do desempenho acadêmico através de questionários de avaliação e autoavaliação para professores e alunos;

- . Realização periódica de reuniões pedagógicas com a finalidade de compartilhar experiências acadêmicas, discutir questões referentes à avaliação e ao processo educativo do próprio curso;

- . Revisão e atualização periódica das ementas e bibliografias das disciplinas, bem como do elenco de disciplinas oferecidas e sua relação com a força de trabalho docente da instituição e sua qualificação;

Revisão, reelaboração e compartilhamento das práticas, metodologias e materiais pedagógicos.

## **XII. POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVA** **DA UNIDADE ACADÊMICA**

A política de qualificação de docentes e técnicos administrativos assumida pela EMAC em relação à qualificação dos professores e técnicos administrativos, sempre referendada pelo Conselho Diretor, está em consonância com as orientações e ações da política de qualificação do quadro de servidores da UFG, a partir do Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal de Goiás (2011/2015).

Através de um contínuo processo de qualificação do corpo docente e técnico administrativo, espera-se que a UFG possa avançar ainda mais na realização das ações que desenvolve no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. A EMAC, ao longo dos anos, e fundamentalmente nos últimos 15 anos, a partir do advento do curso de Artes Cênicas, teve um crescimento significativo de suas ações e seu quadro de pessoal. Entretanto, esta expansão precisa ser acompanhada de um contínuo aprimoramento do processo de capacitação de seu quadro de pessoal, melhoria das condições de trabalho e remuneração, ampliação dos investimentos e recursos públicos para ações de infraestrutura e custeio das atividades acadêmicas desenvolvidas na universidade.

O interesse da EMAC com a qualificação decorre, entre outros aspectos, da necessidade de favorecer a consolidação, melhoria e excelência dos cursos de graduação e pós-graduação na instituição, os quais contribuem significativamente no cenário nacional, com produções e pesquisa, assim como com a formação e a profissionalização na área de Música, Musicoterapia, Educação Musical, Teatro e Direção de Arte.

Como uma prática usual, a anos a EMAC vem incentivando, aprovando e estabelecendo plano de capacitação para seus docentes e técnicos administrativos, sendo estes, conforme o caso, beneficiados com afastamento parcial ou integral das atividades regulares, para favorecimento do processo de aperfeiçoamento, em instituições situadas tanto na região quanto em outros Estados e países.

### **XIII. REQUISITOS LEGAIS E**

#### **NORMATIVOS**

1. No que se refere aos Requisitos Legais e Normativos, o Projeto Pedagógico do Curso de Direção de Arte contempla as Diretrizes Curriculares Nacionais, definidos pela LDB (9.131/95 e 9.394/96); assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação – CNE/CES nº 0067, de 11 de março de 2003; as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Música, Dança, Teatro e Design - CNE/CES nº 0195, de 12 de fevereiro de 2004; a Resolução CNE/CES nº 4, de 08 de Março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Teatro; a Proposta de Diretrizes Curriculares para os cursos de Cinema e Audiovisual – Parecer CNE/CES 044/2006, homologado em 12 de abril de 2006; os Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura, publicados pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Superior, em abril de 2010; o Regimento e o Estatuto da UFG; o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG, Resolução CONSUNI Nº 1122/2012; e as orientações contidas nos Pareceres CES/CNE776/97e desdobramentos decorrentes do Edital 004/97SESu/MEC.
2. Atende as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Lei nº 11.645 de 10/03/2008 e Resolução CNE/CP nº 01 de 17 de junho de 2004, atendendo transversalmente o tema nos estudos das manifestações espetaculares populares brasileiras e, de forma direta através da disciplina Cultura e Sociedade, oferecida pela área de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais. Para um aprofundamento em questões da área de artes, ligadas ao tema, o curso oferece ainda a disciplina optativa Mito e Imaginário Étnico Brasileiro, oferecida por docente da própria EMAC-UFG.
3. Atende o Decreto 5626/2005, oferecendo a disciplina optativa Introdução à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), oferecida pela Faculdade de Letras.
4. Atende a Política de Educação Ambiental (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e Decreto nº 4.281 de 25 de junho de 2012, tratando das questões relativas à sustentabilidade de forma transversal, expressos no item VI, Princípios norteadores para formação do profissional; c, formação ética e função social do profissional; no qual destacamos a preocupação com o uso racional dos recursos naturais, desde o projeto dos laboratórios idealizados para que a ventilação seja obtida do fluxo da circulação do ar e a luminosidade naturais; até a pesquisa de

matérias primas obtidas a partir de fontes orgânicas e a utilização de materiais industrializados considerando o reaproveitamento ou a reciclagem.

-

**XIV. QUADRO DE  
EQUIVALÊNCIAS**

Apresentamos abaixo planilha contendo equivalência entre as disciplinas da antiga matriz curricular e as da nova matriz curricular, visando aproveitamento futuro de estudos dos discentes oriundos do antigo Projeto Pedagógico de Curso, quando for o caso.

<b>Disciplinas da Matriz Curricular Anterior</b>	<b>CH</b>	<b>Disciplinas da Matriz Curricular Atual</b>	<b>CH</b>
Análise do Espetáculo	32	Análise do Texto Dramático	32
Cultura e Sociedade I	32	Cultura e Sociedade	64
Cultura e Sociedade II	32		
Estética I	32	Imaginário Étnico-Brasileiro	64
Estética II	32		
Fundamentos Teóricos das Artes Cênicas I	64	História e Teoria do Teatro I	64
Fundamentos Teóricos das Artes Cênicas II	32	História e Teoria do Teatro II	64
Fundamentos Teóricos das Artes Cênicas III	32	História e Teoria do Teatro III	64
História da Arte I	32	História e Teoria da Arte I	32
História da Arte II	32	História e Teoria da Arte II	32
História da Arte III	32	História e Teoria da Dança	32
História da Arte IV	32	História e Teoria do Teatro IV	64
Fundamentos da Cenografia	32	Introdução à Construção do Espaço Cênico	48
Cenografia I	64	Cenografia e Espaço Teatral I	64
Cenografia II	64	Cenografia e Espaço Teatral II	48
Fundamentos do Figurino	32	Introdução à Caracterização do Ator	48
Figurino	64	Figurinos e Adereços I	64
Fundamentos da Fotografia	32	Fotografia	64
Fotografia	32		
Audiovisual	32	Produção Audiovisual	64
Princípios da Iluminação Cênica	32	Iluminação, Projeções e Efeitos I	64
Iluminação	64	Iluminação, Projeções e Efeitos II	48
Maquiagem	64	Maquiagem, Cabelos e Postiços I	64
Máscaras	64	Oficina de Teatro de Máscaras	48
Objetos e Adereços	64	Figurinos e Adereços II	48

<b>Disciplinas da Matriz Curricular Anterior</b>	<b>CH</b>	<b>Disciplinas da Matriz Curricular Atual</b>	<b>CH</b>
Formas Animadas	64	Oficina de Teatro de Formas Animadas	64
Arte e Tecnologia	64	Representação Gráfica II	64
Fundamentos da Direção de Arte	32	Fundamentos e Métodos de Pesquisa e Projeto em Direção de Arte	64
Metodologia do TCC	32		
Direção de Arte I	64	Laboratório de Direção de Arte I	64
Direção de Arte II	64	Laboratório de Direção de Arte II	64
Políticas Culturais I	32	Políticas, Legislação e Projetos Culturais	48
Políticas Culturais II	32		
Programação Visual	32	Princípios da Linguagem Visual	48
Plástica	64	Plástica	64
Desenho I	64	Desenho I	48
		Desenho II	48
Desenho II	64	Representação Gráfica I	64
Estágio Supervisionado I	64	Materiais e Meios Tridimensionais	64
Estágio Supervisionado II	12	Maquiagem, Cabelos e Postiços II	48
	8	Desenho III	48
Fundamentos da Pesquisa em Arte	32	Fundamentos e Métodos da Pesquisa Acadêmica em Artes	32
Trabalho de Conclusão de Curso I	12 8	Trabalho de Conclusão de Curso I	64
Trabalho de Conclusão de Curso II	12 8	Trabalho de Conclusão de Curso II	64
<b>OPTATIVAS</b>		<b>OPTATIVAS/OBRIGATÓRIAS</b>	
Cenografia no Brasil	32	Cenografia no Brasil	64
Dramaturgia	64	Dramaturgia	64
Encenação Teatral	64	Encenação Teatral	64
Interpretação Teatral	64	Teatro Goiano	64
Introdução à Língua Brasileira de	64	Introdução à Língua Brasileira de	64

<b>Disciplinas da Matriz Curricular Anterior</b>	<b>CH</b>	<b>Disciplinas da Matriz Curricular Atual</b>	<b>CH</b>
Sinais		Sinais	
Narrativas do Imaginário	64	Narrativas do Imaginário (Tema Variado)	64
Oficina de Artes do Corpo	64	Objetos e Adereços	64
Performance	64	Introdução à Fotografia	64
Sonoplastia	64	Música e Cena	64
Vídeo Arte	64	Vídeo Arte	64
Teorias do Imaginário	64	Imaginário Étnico Brasileiro	64
Tópicos Especiais em Artes, Educação e Saúde 4	64	Materiais e Meios Bidimensionais	64

Abaixo apresentamos uma equivalência interna dentro do novo Projeto Pedagógico de Curso, ocorrida como resultado de ajuste realizado pelo Núcleo Docente Estruturante, durante o processo de revisão, correção e aprovação do PPC.

<b>Disciplina da Nova Matriz em Implementação</b>	<b>CH</b>	<b>Disciplina da Nova Matriz Retificada</b>	<b>CH</b>
Fundamentos do Teatro	32	Introdução à Direção de Arte*	32
Sonoplastia	64	Música e Cena	64

\* Nova disciplina a ser criada no sistema.



**a) Livros e Revistas**

- BENJAMIN, W. *Sobre Arte, técnica, linguagem e política*. Introdução de T. W. Adorno. Lisboa: Relógio D'água, 1992.
- BOURRIAUD, N. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOUTINET, J-P. *Antropologia do projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BUTRUCE, Débora; BOUILLET, Rodrigo. (orgs). *A Direção de Arte no cinema brasileiro*. 1 ed. Catálogo da mostra A Direção de Arte no Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: Caixa Cultural RJ, 07 a 18 de fevereiro de 2017. Disponível em:  
[http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo\\_A\\_Direcao\\_de\\_Arte\\_no\\_Cinema\\_Brasileiro.pdf](http://mostradirecaodearte.com.br/Catalogo_A_Direcao_de_Arte_no_Cinema_Brasileiro.pdf)
- CESAR, N. *Direção de Arte em propaganda*. Brasília: SENAC, 2006.
- FERNANDES, S. *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC: SESC, 2014.
- HURLBURT, A. *Layout: o design da página impressa*. São Paulo: Nobel, 1986.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- NUNES, Alexandre Silva, et. al. (orgs). *Revista Arte da Cena*. v. 1, n. 1; v. 1, n.2; v. 2, n. 1; v.2, n. 2; v. 2, n. 3; v. 3, n. 1. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2014-2017.
- ROUBINE, J-J. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- WERNECK, M. H. e BRILHANTE, J. M. (orgs.) *Texto e imagem: estudos de teatro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

**b) Documentos e Legislação**

- FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Tabela de áreas do conhecimento. Disponível em:  
[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento\\_072012.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_072012.pdf) (acesso em 20 out. 2015).
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupações – CBO Nº 2326-30 2002
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Resolução CONSUNI Nº006. 20 de setembro de 2012.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Resolução CEPEC nº766. 06 de dezembro de 2005.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Resolução CEPEC nº806. 05 de dezembro de 2006.